

# REVISTA histori·se

ANO I – EDIÇÃO I, MARÇO DE 2021



**histori·se** é um portal de humanidades - em especial História e Educação. Almanaque de cultura, artes, bem estar e cuidados de si idealizado pela historiadora e psicopedagoga Patrícia Rodrigues Augusto Carra.

Tem edições mensais. Toda terceira segunda-feira do mês publica uma edição. Mas, semanalmente, costuma trazer alguma novidade. Suas edições são compostas por várias seções, algumas fixas, outras eventuais. Conta, além, de sua equipe, com colaboradoras e convidadas com reconhecida competência nas searas em que atuam.

Dados edição:  
Revista Histori-se  
ANO I – Edição I, março de 2021  
Publicação de Histori-se. Conteúdo disponível no site  
[www.historise.com.br](http://www.historise.com.br)



*La verdadera prosperidad de un pueblo,  
como la verdadera nobleza de los individuos,  
está basada en la educación.*

**JOANA PAULA MANSO**



# QUEM SOMOS

**Histori-se** é uma revista digital de escrita, prioritariamente, feminina: um almanaque de periodicidade mensal pensado e elaborado por mulheres. Objetiva a construção e, também, o compartilhamento e a divulgação de conteúdo cultural, educativo, informativo e artístico.

Com seriedade e leveza, compartilha publicações das searas da História, da Educação e de outras estações das humanidades. Fala de trabalho, cinema, cozinha, literatura, artesanato, bens imateriais nas práticas culturais femininas e de outras preocupações e delícias do nosso dia-a-dia. Algumas de suas seções estão sempre presentes, outras são flutuantes. Entenda. **Histori-se** é de fases; portanto, cada publicação pode trazer uma surpresa.

**Histori-se** é uma construção constante, competente, responsável, ética, crítica, agregadora, reflexiva, criativa, afetuosa, empática.

Vem sendo gerada há algum tempo... Durante o ano de 2020, o que era projeto apresentou seu nome, ganhou investimento, provocou novas aprendizagens, buscou assessorias para galgar ao plano da concretude, trouxe mais pessoas para o meu conjunto de afetos.

Está nascendo!

Aconchegue-se, a casa é nossa!

*Fraterno abraço,*

*Patrícia Rodrigues Augusto Carra*

## PERIODICIDADE

O periódico **Histori-se** tem publicações mensais – sempre às terças segundas-feiras do mês – e conta com atualizações semanais. Sua primeira edição data de 15 de março de 2021 e o seu pré-lançamento data do dia 11 de março de 2021. O pré-lançamento consistiu de uma entrevista sobre violência contra as mulheres realizada e transmitida on-line pelas redes sociais de **Histori-se**.

## FOCO E ESCOPO

**Histori-se**, revista digital de escrita, prioritariamente, de mulheres, objetiva a construção e, também, o compartilhamento e a divulgação de conteúdo cultural, educativo, informativo e artístico das searas da História, da Educação e de outras estações das humanidades. Aborda, entre outros temas, trabalho, cinema, literatura, artesanato, bens imateriais nas práticas culturais femininas, preocupações dos cotidianos de mulheres. Publica, preferencialmente, produções inéditas. **Histori-se** aceita publicações em língua portuguesa. Todas as suas edições contam com a possibilidade de serem disponibilizados em PDF.

## BREVE HISTÓRICO DE HISTORI-SE

**Histori-se** foi idealizada e criada por Patrícia Rodrigues Augusto Carra no ano de 2020 e teve suas redes sociais e sua revista/website lançados em março de 2021.

Conta, além, de sua equipe, com colaboradoras e convidadas com reconhecida competência nas searas em que atuam

## COMPARTILHAR CONTEÚDO DE HISTORI-SE

Sempre que compartilhar publicação de **Histori-se**, deve-se dar o crédito às autoras das produções e à **Histori-se**. Como?

*Fazendo a correta citação e fornecendo um link para acesso à publicação compartilhada.*

No caso de compartilhamento parcial ou com alguma adaptação, essa condição deve estar explícita (indicando se e quais alterações foram feitas) e deve estar evidente que autoras e **Histori-se** não endossam você ou seu uso.

O compartilhamento, o uso, a distribuição e a reprodução de conteúdos publicados por **Histori-se** em qualquer meio implicam que a publicação original seja corretamente citada.

# NOSSA PRIMEIRA EDIÇÃO

**Histori-se** é um fruto que venho cultivando há algum tempo. Demorou a ganhar forma: um locus de visibilidade e de incentivo a produções, estudos, fazeres, pensamentos, preocupações, histórias e ideias de mulheres.

Estou surpresa e grata com os caminhos e com o corpo que vem tomando. **Está nascendo!** E eu quero **Histori-se** assim: uma construção constante, competente, responsável, ética, crítica, agregadora, reflexiva, criativa, afetuosa, empática.

A partir de agosto de 2020, matutei e elaborei este projeto. **Histori-se** apresentou seu nome. Ganhou investimento, provocou novas aprendizagens e buscou assessorias para galgar ao plano da concretude. Nesse caminhar, minha rede de afetos cresceu...

Patrícia Rodrigues Augusto Carra  
*Idealizadora, criadora e editora de Histori-se*



Se antes tecia sozinha, hoje, conto com inspiradoras e competentes colaboradoras. *Natália, Vera, Sara, Núbia* foram pioneiras: chegaram quando eu concluía a gestação de **Histori-se** e preparava a sua estreia no mundo.

Aos poucos, esta que um dia foi um projeto, vem agregando mais madrinhas. Sinto que mais gente chegará. **A casa com suas portas, janelas e jardins está aberta!**

Esta é a primeira edição de **Histori-se**: uma revista digital de escrita, prioritariamente, feminina. Almanaque de periodicidade mensal, que objetiva a construção e, também, o compartilhamento e a divulgação de conteúdo cultural, educativo, informativo e artístico.

*Com seriedade e leveza, compartilhará publicações das searas da História, da Educação e de outras estações das humanidades. Falará de trabalho, cinema, cozinha, literatura, artesanato, bens imateriais nas práticas culturais femininas e de outras preocupações e delícias do nosso dia-a-dia.* Algumas de suas seções estarão sempre presentes, outras são flutuantes. Entenda. **Histori-se** é de fases; portanto, cada publicação pode trazer uma surpresa.

Por que almanaque? Pensando sobre escritas de mulheres e sobre espaços de divulgação de escritos e pensamentos de mulheres, lembro que podemos datar o nascimento de jornais e de outros periódicos escritos por brasileiras no século XIX, mais especificamente na sua segunda metade. Esses impressos traziam uma coleção de temas julgados interessantes e/ou necessários aos universos das mulheres. Um ‘refogado’ com assuntos da moda, das letras e das artes, sem esquecer as dicas de beleza e as preocupações políticas, econômicas e sociais da época.

O primeiro impresso brasileiro – conhecido – escrito por mulheres foi O Jornal das Senhoras. Gostaria de saber mais sobre ele? Quem sabe ler um de seus exemplares?

**Histori-se** é uma deliciosa salada de várias seções.





# PRIMEIRA EDIÇÃO

Nesta edição, *Cinema e Literatura* com Vera Haas traz a cineasta brasileira Helena Solberg e retratos do feminino por ela compostos. Depoimentos de duas professoras – Márcia nos diz de sua experiência e de *aprendizagens interculturais* na vivência, enquanto professora da rede estadual, em uma escola indígena Mbya Guarani e Giovana, professora de Artes (*Como precisamos de arte!*), nos diz de sua professoralidade, apresenta sua felina Millie e fala sobre aulas de História da Arte. Cristine Costi compartilha suas reflexões e Bya Medeiros nos brinda com o vídeo de sua premiada instalação *Paisagem Impermanências*.

Para completar, ainda há, moda sustentável mineira, textos sobre educação de mulheres no Brasil Colônia, *Cozinhando a Cultura* com Núbia Quintana, Cristina Mielczarski dizendo da primeira moçambicana a publicar um romance (*Foi Cristina quem me apresentou a obra de Paulina Chiziane*) e o vídeo de nosso pré-lançamento. E, ainda, uma entrevista com Joana Paula M. de Noronha (*Sim! Ela veio do século XIX e conversou com Histori-se*).

Aproveite Histori-se! Desfrute de seus quitutes.

**Histori-se** é nossa!

Entre, fique à vontade.

Um fraterno abraço,

*Patrícia Rodrigues Augusto Carra*

# SUMÁRIO

|     |                                                             |
|-----|-------------------------------------------------------------|
| 4   | <b>QUEM SOMOS</b>                                           |
| 8   | <b>EDITORIAL</b>                                            |
| 11  | <b>AS CORES DE HISTORI-SE</b>                               |
| 12  | <b>NOSSO PRÉ-LANÇAMENTO</b>                                 |
| 15  | <b>HISTÓRIA E SUAS MANAS</b>                                |
| 16  | Educação de mulheres no Brasil Colônia I                    |
| 19  | Educação de mulheres no Brasil Colônia II                   |
| 30  | <b>HISTÓRICAS</b>                                           |
| 31  | Entrevista com a criadora do Jornal das Senhoras            |
| 40  | <b>ARTE E INSPIRAÇÃO</b>                                    |
| 41  | “A palavra deságua porque desterra” B y a M e d e i r o s   |
| 44  | Giovana e Millie: depoimento de uma professora de ARTES     |
| 45  | <b>EDUCAÇÃO E LUZ</b>                                       |
| 46  | Aprendizagens Interculturais: Mulheres que contam histórias |
| 60  | <b>DIADORIM (CINEMA &amp; LITERATURA)</b>                   |
| 61  | Carmen, Alice E Helena – Retratos do feminino em Solberg    |
| 75  | <b>ÚRSULA (HISTÓRICAS ESCREVEM)</b>                         |
| 76  | Mesmo que o tempo seja um não                               |
| 78  | A presença da voz em Niketche, de Paulina Chiziane I        |
| 86  | <b>OLHE O QUE ELAS FAZEM</b>                                |
| 87  | Moda sustentável: Arabesco                                  |
| 91  | <b>CONVERSAS NA COZINHA</b>                                 |
| 92  | Cozinhando Cultura                                          |
| 94  | A cozinha como um espaço de cura                            |
| 96  | <b>NOSSO CLUBE DE LEITURA</b>                               |
| 98  | Explosão Feminista                                          |
| 100 | Indicação Vera Haas                                         |

# AS HISTÓRICAS QUE COMPÕE ESTA EDIÇÃO

*Quando comecei a tecer, quietinha, matutando cada insight, estudando caminhos... Não imaginei, em tempos tão áridos, contar com o bálsamo que vocês trouxeram. Já não estou sozinha junto ao meu tear! Tecemos juntas...*



**BYA  
MEDEIROS**



**CRISTIANE  
COSTI**



**CRISTINA  
MIELCZARSKI**



**GIOVANA  
ELLWANGER**



**IARA  
PEREIRA ALVES**



**MARCIA  
TOMAZZONI**



**NATÁLIA  
MÜLLER**



**NÚBIA  
QUINTANA**



**PATRÍCIA R.  
AUGUSTO CARRA**



**SARA AUGUSTO  
CARRA**



**VERA  
HAAS**

*Obrigada pela confiança!  
Gratidão!*

*Vocês enxergaram **Histori-se** pelas minhas palavras, viram belezas que eu suspeitava.*

*Além de Históricas, vocês são madrinhas de **Histori-se**.*

# AS CORES DE HISTORI-SE



*As cores da marca Histori-se. A inspiração.*

As cores de **Histori-se** nasceram de um bordado realizado sobre um tecido de cor roxa. O bordado é um trabalho da mãe da editora de **Histori-se**. Confira a história.

## O BORDADO

Minha mãe tinha – como ela chama – uma amostra de bordado no meio de alguns retalhos e de outras tantas amostras: crochê, tricô... Essa amostra sempre foi - aos meus olhos - bordado perfeito. Cores combinadas em perfeita harmonia formando belo desenho sobre o pano de cor roxa. Lindo!

Um dia peguei o bordado - relegado à categoria de amostra - como presente. O tecido bordado passou a freqüentar a sala de visitas. Passado algum tempo, a mãe do marido fez um bico como acabamento e ele ficou mais cheio de si.

Quando **Histori-se** nasceu em minha mente, meu espírito cutucou meu coração e meus olhos me mostraram as cores, a delicadeza, a vivacidade de **Histori-se** no tecido bordado.

*Patrícia Rodrigues Augusto Carra*

# PRÉ-LANÇAMENTO DE HISTORI-SE

No dia 11 de março, das 19h30 às 20h, aconteceu, on-line, via rede YouTube, no **Canal Histori-se**, o pré-lançamento de **Histori-se**.

O evento que marcou esse momento foi uma entrevista com o trio de mulheres responsáveis pela exposição fotográfica “*O silêncio também é uma arma*”- atualmente, presente no Palácio da Polícia (no momento, devido à pandemia, está fechada para visitação). Nossas três entrevistadas foram a delegada Carolina Funchal Terres e as fotógrafas Pamela Lazon e Fabiane Guedes.

O evento teve início na hora agendada e sua abertura foi feita pela idealizadora e editora de **Histori-se**, Patrícia Rodrigues Augusto Carra.

Nossa editora agradeceu a presença das entrevistadas, das entrevistadoras – Vera Haas e Natália O. Müller – e das pessoas que prestigiavam a live de pré-lançamento. Em seguida, manifestou alegria com o pré-lançamento de *Histori-se*, nosso almanaque de mulheres do século XXI, definindo-o como lugar para falarmos de nós, dos nossos amores, alegrias, receios, espaço para compartilharmos nossas histórias e produções.

*Histori-se é nossa agora!*



Lembrou o dia de lançamento da nossa primeira edição – 15 de março – contou que já estamos preparando a segunda e a terceira edições e convidou a todas para conhecerem e participarem de **Histori-se**.

Por fim, nossa editora confidenciou ter pensado que Histori-se chegaria no pós-pandemia – “*num tempo de primavera humana*” e lamentou que não esteja sendo assim: “**Histori-se** *chega em tempos, ainda, muito difíceis...*”. Entretanto, lembrou, também, desejar que ela “*chegue como um dos pontos luz, de acolhimento, de energia, de refúgio, de vida para nos auxiliar, neste tempo, a sermos Fênix na Vida e brotarmos, renascermos a cada dia e criáramos e gerarmos e nos apoiarmos*”.

Antes de passar a palavras para entrevistadoras e entrevistadas, apresentou o tema da entrevista - a violência doméstica contra mulheres e meninas – e, mais uma vez, expressou sentimento de pesar pelas vítimas da pandemia de Covid e das *pandemias invisibilizadas* na atualidade.

Nossa conversa com o trio de entrevistadas foi muito proveitoso e agradável. Esperamos que esta exposição seja disponibilizada on-line, a fim de podermos prestigiá-la virtualmente, visto que, por hora, não é possível pessoalmente. Confira a entrevista no site <<https://historise.com.br/o-pre-lancamento-de-histori-se/>>.

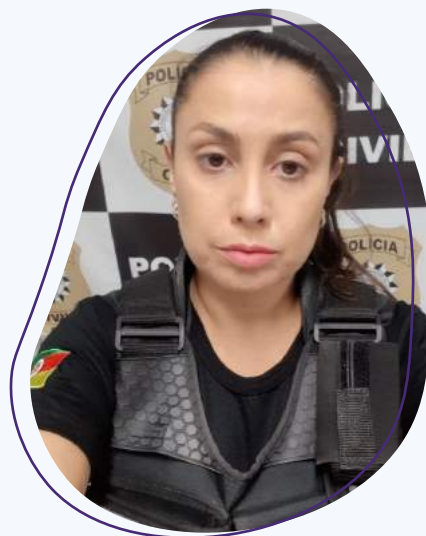
Nas suas considerações finais, a delegada Carolina informou o *número do Whats App* criado para facilitar denúncias e pedidos de ajuda.

**DIVULGAMOS: 984440606.**

# CONHEÇA MAIS SOBRE AS CONVIDADAS:

## *Carolina Funchal Terres,*

*Delegada de Polícia há mais de 10 anos, 8 deles atuando em Delegacias de Polícia Especializadas no atendimento à mulher (Canoas, Alvorada e Porto Alegre). Formada em direito pela PUCRS. Atualmente lotada na 2DP de Bagé, procurando uma vida mais tranquila no interior.*



## *Fabiane Guedes,*

*35 anos, mãe de uma menina de 12 anos, formada em Medicina Veterinária pela UFRGS, descobriu seu amor pela fotografia e acabou trocando de profissão há 8 anos para trabalhar como fotógrafa. Atualmente é autônoma, trabalha com fotografia de família e é especialista em ensaios de newborn.*

## *Pâmela Lazon,*

*Mãe, empresária, fotógrafa há 14 anos no mercado, hoje a frente do estúdio Amor em Foto na cidade de Canoas, tenho vivência com a polícia, pois minha mãe é policial civil aposentada recentemente. Unindo a arte com a dor das mulheres representadas nesta exposição tão forte e necessária.*



# HISTÓRIA E SUAS MANAS



# EDUCAÇÃO DE MULHERES NO BRASIL COLÔNIA

## PARTE I (1500-1580)

O texto apresentado a seguir é um convite a pensarmos sobre a educação de mulheres brasileiras. Sei é um convite ousado, muito amplo... **Que tal começarmos nos perguntando sobre como era lá no início da história que resultou no Brasil?**

Complicado escolher esse marco, mas, para início de nossa reflexão, partiremos da chegada da esquadra portuguesa comandada por Pedro Álvares Cabral ao litoral brasileiro (1500).

Desse evento até o ano de 1530, os portugueses não se empenharam na colonização das terras que julgavam suas no continente americano. A decisão de colonizar o Brasil foi tomada apenas em 1530 e a primeira ação para esse objetivo foi a Expedição de Martim Afonso de Sousa (Expedição Colonizadora), patrocinada por dom João III, rei de Portugal.

A Expedição Colonizadora chegou ao Brasil no ano de 1532 e fundou a primeira vila, São Vicente. Outras pequenas vilas foram fundadas e engenhos de açúcar foram construídos. Os engenhos tinham duplo objetivo, auxiliar no povoamento da Colônia e desenvolver uma atividade que rendesse riqueza à metrópole.

A primeira tentativa de montar uma organização política-administrativa para o Brasil Colônia foi o sistema de Capitanias Hereditárias (1534), que não teve sucesso e impôs à Coroa a urgência de criar um sistema político-administrativo-militar centralizado para o Brasil: o Governo Geral, criado em 1548<sup>1</sup>. O primeiro governador-geral, Tomé de Sousa, chegou ao atual Estado da Bahia, no ano de 1549.

Tabela 1. Quadro ilustrativo: datas início colonização portuguesa

| Período PRÉ - COLONIAL                 |                                                            | PERÍODO COLONIAL                                           |                                                       |                                      |                                                                         |
|----------------------------------------|------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------|--------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------|
| 1500 ————— 1530                        |                                                            | 1532                                                       | 1534                                                  | 1548                                 | 1549                                                                    |
| Ano de 1500<br>'Descobrimto do Brasil' | Ano de 1530<br>Início processo de<br>colonização do Brasil | Expedição de Martim<br>Afonso de Sousa chegou<br>ao Brasil | Implantado o Sistema<br>de Capitanias<br>Hereditárias | Criado o Sistema<br>de Governo Geral | Primeiro Governador Geral e<br>primeiros jesuítas chegaram<br>ao Brasil |

Fonte: acervo particular

Até o ano de 1549, não havia escolas no Brasil. **O início da educação escolarizada e sistematizada no Brasil aconteceu no bojo do esforço de colonização e de domínio territorial português**, com a implantação do Sistema de Governo Geral, que contou com a ação da Companhia de Jesus (ordem religiosa criada por Inácio de Loyola no ano de 1534, no contexto da Contra Reforma e aprovada por Bula Papal em 1540). **As cartas escritas pelos jesuítas são exemplos de fontes que nos permitem refletir sobre este período.**

### UM PEDIDO ESTRANHO PARA O EUROPEU

Os primeiros jesuítas chegaram ao Brasil com o governador-geral Tomé de Souza (1549), chefiados pelo Padre Manoel de Nóbrega<sup>2</sup>. Ao questionamento sobre quem instruir, tinham resposta objetiva: oferecer o catecismo a meninos e meninas indígenas e descendentes de colonos e instruir meninos indígenas e filhos de colonos nas primeiras letras. Essa resposta, contudo, perdeu sua certeza quando, por volta de 1552, **alguns dos indígenas, que tinham seus filhos instruídos pelos jesuítas, não compreendendo o porquê da exclusão das meninas do ensino da leitura e da escrita, solicitaram que fosse ofertado igual acesso à instrução aos dois sexos.**

Quando os europeus chegaram ao continente americano encontram diversos e diferentes povos vivendo nessas terras. Não podemos desconsiderar suas presenças, resistências, influências culturais e processos de aculturação quando refletimos sobre a História da Educação na América

### PADRE MANOEL DA NÓBREGA QUER ESCOLAS PARA MENINAS

O pedido que a instrução fosse igualmente facultada ao sexo feminino levou Padre Manoel da Nóbrega a refletir sobre esta iniciativa no contexto do projeto de colonização e cristianização dos povos que aqui viviam, a buscar o apoio de Tomé de Sousa para a ideia e a recorrer à Rainha Catarina na busca de autorização para ministrar, além da catequese, o ensino das primeiras letras, também, às meninas; entretanto, **D. João III e a Companhia de Jesus proibiram a realização de tal intento**. Ocorre que a educação feminina não era valorizada na Corte Portuguesa. Por que, aos olhos desta, seria importante na Colônia? (MATTOS, 1958, p.90 e RIBEIRO, 2000, p.80).

Portugal, nessa época, não tinha um sistema de ensino sólido. As escolas portuguesas equivalentes às escolas brasileiras de ler, escrever e contar eram poucas e destinadas apenas ao público masculino. As

escolas particulares atendiam aos filhos da nobreza e as de misericórdia, aos órfãos. **Apenas no ano de 1815, é que foi permitida a criação de escolas em meninas na cidade de Lisboa** (TOBIAS, 1986, p.34 - 45).

### POR SER MULHER E NÃO SABER LER

Em carta a Diogo Láinez, Padre Geral da Companhia de Jesus, o Padre Manoel de Nóbrega escreveu (12/06/1561): “[...] *Eu não teria por desacertado [...] a casa de meninas dos gentios, de que tivessem cargo mulheres Virtuosas, com as quais depois casassem estes moços que doutrinássemos*” (LEITE, 1938, p. 111).

As mulheres, no Brasil Colônia, pouco acesso tiveram ao ensino formal: a maioria não sabia ler nem escrever. **Era raro encontrar uma mulher que soubesse ler ou escrever.** Apenas uma pequena parcela de mulheres – em geral, da elite – aprendia a ler.

**Escrever era uma habilidade rara na população feminina.** Segundo Tobias (1986. p.46), a investigação de 450 inventários da Vila de São Paulo, entre os anos de 1578 e 1700, identificou, entre as mulheres mencionadas, apenas duas que sabiam assinar o nome. O mesmo autor observa: “[...] *significativa a forma por que nos documentos do tempo se declara o motivo de ser o ato assinado por outrem: a pedido da outorgante, por ser mulher e não saber ler*” [ grifo do autor].

### AS MULHERES ALFABETIZADAS

Mas... e as mulheres que sabiam ler e escrever? Deixaram algum sinal? Muitas perguntas! Poucas respostas... Entre essas poucas respostas está a constatação de que algumas dessas mulheres deixaram pistas. **Felipa de Souza e Madalena Caramuru** são exemplos dessas históricas.

**Felipa de Souza** (c.1556 -?) foi uma das mulheres alfabetizadas que viveram no Brasil Colônia durante o século XVI. Sabemos de Felipa pelos registros do Tribunal do Santo Ofício. Os mesmos registros indicam que ela confessou usar cartas para fazer contato com mulheres por quem sentisse atração (SCHUMAHER e BRAZIL, 2000, p. 228). Felipa foi condenada pela Inquisição por lesbianismo. Atualmente, o seu nome, Felipa de Souza Award, designa prêmio internacional de Direitos Humanos dos Homossexuais.

**Madalena Caramuru** é considerada **a primeira mulher brasileira alfabetizada**. O professor teria sido o seu marido, o português, Afonso Rodrigues. É atribuída à Madalena uma carta, escrita no ano de 1561 e endereçada ao bispo de Salvador, rogando pelas crianças

trazidas, como escravas, da África para o Brasil (SCHUMAHER e BRAZIL, 2000, p. 350).

**A alfabetização de mulheres não era entendida como uma necessidade e, tampouco, os seus escritos eram considerados documentos a serem guardados.** Por esse motivo, não temos acesso ao universo feminino da época através de sua produção escrita. Uma possível fonte de interrogação são as imagens produzidas no período alvo dessa reflexão. O que podem nos dizer as imagens femininas que circulavam pela Colônia? Que imagens são essas?

# EDUCAÇÃO DE MULHERES NO BRASIL COLÔNIA PARTE II (1540 – 1759) EDUCAÇÃO E MULHERES: O QUE NOS DIZEM AS IMAGENS SACRAS FEMININAS?

Até onde podemos inferir a representação feminina mais comum de ser encontrada na época estava na forma de santas. Na categoria de imagens sacras, várias figuras

femininas eram presentes em espaços públicos e privados, tanto em cultos oficiais como nos diferentes lares brasileiros. Neste texto, não há a pretensão de um estudo da arte sacra da época, apenas a proposta de olharmos um pouco para esses vestígios.

Ao refletir sobre imagens de santos e santas católicos, devemos considerar que suas construções iconográficas partem das narrativas das histórias de suas vidas, que possuem usos pedagógicos no esforço educativo pelo viés religioso, contudo, “[...] ao longo da história cristã, por conta de seu uso prático, as imagens teriam se metamorfoseado em presença, ultrapassando a função simbólica de representar e ser símbolo da história do santo” (LIMA, 2015, p.141). Percorrendo esta lógica, podemos inferir que muitos dos devotos e das devotas que viveram no Brasil Colônia desenvolveram uma interação simbolicamente além da esperada ou pregada pela Igreja, com

as santas e os santos de sua preferência. **O que essas imagens sacras diziam a homens e mulheres, dos vários grupos sociais, que vivenciaram o Brasil Colônia, sobre os lugares e papéis sociais e políticos?** Creio não ser possível termos a resposta a esse questionamento, mas podemos nos atrever a tecer algumas considerações na busca de elementos para pensar a educação das mulheres.

**As imagens sacras ornamentaram e sinalizaram os espaços de religiosidade de diferentes lares brasileiros. Encontramos nas entradas das casas e nos oratórios presentes em suas salas de estar. Estavam presentes em medalhas ornando colos, nas mesinhas ao lado da cama, em pequenos oratórios nos quartos de dormir. Grande parte delas representava mulheres.** Em sua pesquisa etnográfica em relação à devoção à Santa Rita na atualidade, Lima (2015, p. 157) conclui:

A santa é uma (ou muitas) mulher (es) e, como tal, apresenta gostos socialmente esperados do gênero feminino, como o de gostar de receber flores, por exemplo. Ela tem características de uma pessoa, posto que dotada de sentidos humanos: ela ouve, vê, sente, expressa-se, ao mesmo tempo em que é ambivalente, já que também é considerada sagrada.

## NOSSA SENHORA DA PENA

**Imagens de mulheres representadas desenvolvendo atividades de escrita ou leitura ou exibindo ícones de instrução como livros, penas, pergaminhos eram raras.** As existentes, em geral, estavam no rol das imagens sacras. Nesta categoria, *Nossa Senhora da Pena* - protetora das artes, letras e ciências - valoriza o conhecimento; contudo, as representações e o culto dessa *Nossa Senhora* não foi comum no Brasil. Salvo engano, existem, apenas, quatro em nossas terras: a presente na Igreja de Nossa Senhora da Pena, em Porto Seguro (Bahia) e as que se encontram no Rio de Janeiro (RJ), em Buritis (MG) e em Rio Vermelho (MG)<sup>3</sup>.



Figura 1. Nossa Senhora da Pena

A Santana Mestra de Aleijadinho (figura 4) apresenta ideia de interação da Mãe Mestra com a Filha através da atividade de leitura ou do ensino. Ambas estão concentradas na atividade leitora e as posições das mãos reforçam a ideia de ação educativa. Diferente é a Sant'Ana Mestra datada do século XVII (figura 5). Nessa imagem, há o livro aberto, contudo, a imagem não apresenta a ideia de interação entre mestra e aprendiz e nem a concentração nos escritos do livro, como na obra de Aleijadinho



Figura 4 Santana Mestra - Obra de Antônio Francisco Lisboa. 1738 - 1814. Museu do Ó de Sabará (MG)



Figura 5 Sant'Ana Mestra - autor desconhecido - século XVII - São Paulo

Não podemos pensar o livro representado nas imagens de Santa Ana como um exemplo de educação acadêmica, antes, ele representa a educação cristã. Reforça a ideia de a educação das moças ser uma responsabilidade materna, prevista na esfera privada e voltada para a vida doméstica.

Interessante, observar, que no Rio de Janeiro, a santa renascentista perdeu o seu sentido relacionado ao mundo da cultura: o termo *pena* passou a ser entendido como sinônimo de *castigo*.

**Entre a imagens sacras femininas portando ícones que remetam ao conhecimento e/ou à instrução, a grande maioria são representações de Santa Ana, também conhecida como Santana ou Sant'Ana.**

Imagem 2



Santana Guia (Santana e Maria Criança).  
Museu de Arte da Bahia (MAB).  
Salvador. Bahia.

## SANTAANA

As primeiras imagens de Santa Ana chegaram ao Brasil na bagagem de colonizadores portugueses. Mãe de Nossa Senhora e avó de Jesus Cristo, Santa Ana era entendida como protetora dos lares, das mulheres, das mães e educadoras de meninas e moças no caminho das virtudes cristãs. Protegia as mulheres grávidas, as donas de casa e várias profissionais como professores, mineradores, rendeiras.

As imagens de Santa Ana Guia (figuras 2 e 3) costumam apresentar Maria Menina em pé ao lado de Santa Ana. Observando a imagem 3, percebemos a mão firme de Santa Ana que conduz Nossa Senhora. Nesta imagem, quem porta o livro é Santa Ana. Na figura 2, é a Menina Maria quem segura o livro. A Menina é representada de mãos dadas com sua mãe e parecem conversar através do olhar. A posição da mão e a expressão corporal de Santa Ana sugerem que ela instrui Nossa Senhora.

Imagem 3



Santana Guia (Santana e Maria Criança).  
Museu de Arte da Bahia (MAB). Salvador. Bahia.



Figura 6. Sant'Ana Mestra (centro) ladeada por São Joaquim e Nossa Senhora com um querubi (sobre a família)

Em uma imagem (figura 6), datada do século XVII, encontramos São Joaquim, marido de Santa Ana, representado junto a ela e Nossa Senhora Menina. Entre outros aspectos, chama à atenção a posse do livro. O centro da imagem é Santa Ana. O chefe da família, São Joaquim, é quem segura o livro.

**Eram poucos os livros existentes no Brasil e elevado o número de analfabetos<sup>4</sup>.** A maioria dos livros circulantes na Colônia estava na categoria dos religiosos, tais como livros de orações, novenas e narrativas de história da vida de santos. Temos notícias de leituras de outros gêneros como o romance *Diana*, do espanhol Jorge de Monte Mayor, *As Metamorfoses* de Ovídio e *Os Lusíadas* de Camões. **Além dos poucos livros, circulavam, pela colônia, folhetos de cordel.**

O público alfabetizado contava com algumas poucas mulheres, como, dona **Paula de Siqueira** (c. 1551 -?), portuguesa que vivia na cidade de Salvador (Bahia), denunciada ao Santo Ofício pela posse de livros proibidos, entre eles, o romance *Diana*; e **Lourença Tavares de Holanda** (século XVII), olindense, senhora de engenho, autora de diversas cartas às autoridades portuguesas, solicitando anistia para os seus dois irmãos condenados pelo envolvimento na Guerra dos Mascates ocorrida no ano de 1710 (SCHUMAHER e BRAZIL, 2000, p. 466 e p. 339).

**O pequeno universo de leitoras brasileiras contou, também, com escritos de viés moral**, como o *Abecedário Moral*, de Gonçalo Fernandes Trancoso, publicado em 1585, citado por Tobias (1986, p. 75):

“Senhora. Agora me deram um recado da parte de Vossa Mercê, em que me pedia lhe mandasse um ABC feito de minha mão, que queria aprender a ler porque se acha triste quando vê senhoras de sua qualidade, que na igreja rezam por livros e ela não. Folgo que deseje

saber ler para rezar por livros, que é bom; porém, já que não aprendeu na meninice em casa do senhor seu pai com suas irmãs, deve agora contentar-se com as contas (do rosário), pois não sabe ler, pois já é casada e passa de vinte anos de idade. Porém se este conselho não lhe parece bom ou se a não satisfaz por obedecer a seu rogo lhe mando aqui com esta um ABC que Vossa Mercê aprenda de cor; o qual é que: A – que ro dizer que seja amiga da sua casa; B – benquista da vizinhança; C – caridosa para com os pobres; D – devota da virgem; E entendida no seu ofício; F- firme na fé; G – guardadeira de sua fazenda; H – humilde a seu marido; I – inimiga do mexerico; L – leal; M – Mansa; N- nobre; O – onesta; P – prudente; Q – quieta; R – regrada – S – szuda; T – trabalhadeira; V – virtuosa – X – xã (simples); Z – zelosa da honra. Quando tiver tudo isto anexo a si, que lhe fique próprio, creia que sabe mais letras que todos os filósofos”.

**Raras são as imagens femininas que não aludem à maternidade ou ao ensino de crianças.** As imagens de Santa Ana sem a companhia da Menina Maria não a desvinculam desse universo doméstico e nem constituem um estímulo à instrução feminina no mundo das letras e das ciências.

### A VIDA RELIGIOSA

Santa Escolástica é um exemplo de representação de mulher não relacionada à maternagem, contudo, a representação dessa Santa traz consigo uma história de vida voltada para o mundo privado da clausura e para a contemplação do divino. **Santa Escolástica lembrava às mulheres a possibilidade de um destino diferente do casamento: a vida religiosa.**

**Filhas de famílias da elite, por vezes, eram encaminhadas aos conventos ou recolhimentos europeus para serem educadas até a época de seus casamentos,** que costumavam acontecer cedo na vida dessas jovens. Com a idade de quinze anos, grande parte já se encontrava casada e com filhos.



Fonte:Psicanálise & Barroco  
*Figura 7. Santana Mestra -  
Século XVIII - Autor  
desconhecido*

## CONVENTOS E RECOLHIMENTOS NO BRASIL

Durante o século XVII, a existência de conventos no território brasileiro possibilitou que essa prática acontecesse, também, no Brasil. Um exemplo de uso dos conventos ou recolhimentos como prisão são os casos de Ana de Faria e Sousa (? – c. 1711) e de Matilde (século XVIII), acusadas de adultério no início do século XVIII. A família do marido de Ana decidiu pelo seu assassinato, mas um dos destinos cogitados foi a internação no Recolhimento da Conceição, em Olinda. Matilde foi internada, pelo seu marido, no Recolhimento de Nossa Senhora do Parto, na cidade do Rio de Janeiro. (SCHUMAHER e BRAZIL, 2000, p. 52 e p. 429).

A decisão de Maria Rosa, moradora de Pernambuco, de fundar, em 1595, o **Recolhimento de Nossa Senhora da Conceição** em Olinda, para proteger moças do assédio dos colonos ricos ilustra a preocupação com a guarda de mulheres (SCHUMAHER e BRAZIL, 2000, p. 409). Esse Recolhimento foi criado com o objetivo de preparar órfãs de boas famílias para o casamento. O

ensino da leitura, da escrita e dos rudimentos da matemática não estava nos seus planos (SAFFIOTI, 2013, p.271).

Os conventos e recolhimentos, por muito tempo, representaram uma possibilidade de alguma instrução formal, mesmo que rudimentar, para a população feminina, o que não significa terem objetivo de atender a um número considerável de interessadas ou serem espaços educativos transgressores do considerado ideal pela sociedade dominante da época. **Apenas no fim do século XVIII, foi criado, no Brasil, um Recolhimento com objetivo definido como de instruir jovens do sexo feminino: o Recolhimento de Nossa Senhora da Glória.** O plano de estudos elaborado por D. José Joaquim de Azevedo Coutinho, nomeado bispo de Pernambuco em 1798, “adequava-se aos papéis femininos na sociedade de então: as meninas limitar-se-iam a aprender a ler, escrever e contar. Além de coserem e bordarem” (SILVA, 2004, p. 135).

Sobre o ideal hegemônico das mulheres do Brasil Colônia, é preciso considerar que este, na realidade, não era possível ou extensivo a todas:

[...] quando falávamos em família na Colônia logo vinha à mente o modelo patriarcal: o de uma família extensiva, constituída por parentes de sangue e afins, agregados e protegidos, sob a chefia indiscutível de uma figura masculina. A família patriarcal teve grande importância, marcando inclusive, [...], as relações entre sociedade e Estado. Mas ela foi característica da classe dominante, [...]. Entre a gente de condição social inferior a família extensiva não existiu, e as mulheres tenderam a ter maior independência, quando não tinham marido ou companheiro. Em Ouro Preto de 1804, por exemplo, considerando-se 203 unidades domésticas, apenas 93 eram encabeçadas por homens. Mesmo em relação às famílias de elite, o quadro de submissão das mulheres tinha exceções. Em determinadas circunstâncias, elas desempenharam um relevante papel nas atividades econômicas. (FAUSTO, 2006. p. 43)

As observações de Fausto (2006) **lembram espaços de insubordinação/resistência e a realidade de luta cotidiana pela sobrevivência, na qual muitas mulheres eram o arrimo de suas famílias.**

Da chegada dos primeiros jesuítas (1549) ao ano de 1759, devido à ação de ordens religiosas no campo educativo, em especial à ação jesuítica<sup>6</sup>, temos uma fase da história da educação brasileira identificada como Educação Jesuítica, devido ao predomínio da Companhia de Jesus neste campo, ou como Educação Cristã (TOBIAS, 1986, p. 20). Durante o reinado de d. José I, período conhecido como época pombalina, os jesuítas foram expulsos dos domínios portugueses.

**A expulsão dos jesuítas do Brasil não significou o fim de sua influência educativa em nossas terras. Os jesuítas atuaram na educação religiosa e formal brasileira por mais de dois séculos.** A maior parte das pessoas letradas tinha sido aluna dos jesuítas ou instruída por alguém formado por jesuíta. A Companhia de Jesus, ao longo dos anos, doutrinou meninos e meninas pela catequese e, meninos, em especial da elite, nas suas escolas. Em relação às mulheres, não ofereceu a possibilidade de uma educação formal e tampouco instrumentos de libertação. Ensinou-as a submissão ao marido e à Igreja de acordo com o pregado pelo apóstolo Paulo, o que estava condizente com a tradição da Península Ibérica (SAFFIOTI, 2013, p. 267)

## A AUTORA:

### **Patrícia Rodrigues Augusto Carra**

Doutora em Educação, psicopedagoga, historiadora. Professora titular aposentada do EBTT. Editora de Histori-se.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Célio Macedo. Um estudo iconográfico. In: COELHO, Beatriz (org.). Devoção e arte: imaginária religiosa em Minas Gerais. São Paulo, EDUSP, 2005.
- ANCHIETA, José de. Cartas: informações, fragmentos históricos e sermões. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- CARVALHO, José Murilo de. Cidadania no Brasil: o longo caminho. 14. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- FAUSTO, Boris. História Concisa do Brasil. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil, Livraria José Olympio, 1948.
- LEITE, Serafim. Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil. Coimbra, 1954.
- LEITE, Serafim. História da Companhia de Jesus no Brasil: século XVI. 2.ed. Lisboa: Ed. Portugal, 1938. 2 v.
- LIMA, Raquel dos Santos Sousa. Sobre presença e representação nas imagens dos santos católicos: considerações a partir de um estudo sobre a devoção à Santa Rita. Relig. soc., Rio de Janeiro, v. 35, n. 1, p. 139-163, jun. 2015. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-85872015000100139&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872015000100139&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso 07 dez. 2015.
- MATTOS, Luiz Alves de. Primórdios da educação no Brasil: o período heróico (1549-1570). Rio de Janeiro: Gráfica Aurora, 1958.
- NÓBREGA, Manuel. Cartas do Brasil (1549-1560). Rio de Janeiro: Officina Industrial Graphica, 1931
- SANTOS, Jadilson Pimentel dos. As Santanas da Antiga Vila da Santa Ana de santo Antônio do Tucano. VIII EHA. Encontro de História da Arte, 2012. P. 257 a 266.
- ROSEMBERG, Fúlvia e PINTO, Regina Pahim. A Educação da mulher. São Paulo: Nobel: Conselho Estadual da Condição Feminina, 1985 (Década da Mulher).
- ROSEMBERG, Fúlvia; PIZA, Edith Pompeu e MONTENEGRO, Thereza. Mulher e educação formal no Brasil: Estado da Arte e Bibliografia. Brasília: Fundação Carlos Chagas, 1990.

RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. Mulheres Educadas na Colônia. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FILHO, Luciano Mendes de Faria; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). 500 Anos de Educação no Brasil. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2000, p. 79-94.

SAFFIOTI, Heleieth, I.B. A mulher na sociedade de classes: mito e realidade. São Paulo: Liv. Quatro Artes, 1969

SCHUMAHER, Schuma e BRAZIL, Érico Vital (org.). Dicionário Mulheres do Brasil de 1500 até a atualidade, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.

TOBIAS, José Antônio. História da Educação Brasileira. 3 ed.. São Paulo: IBRASA, 1986.

## IMAGENS:

FIGURA 1. Nossa Senhora da Pena. Autor desconhecido. Imagem presente em cartão postal da cidade de Porto Seguro/BA, Brasil. Acervo particular.

Nota – Esta imagem pertence à Igreja de Nossa Senhora da Pena, localizada na cidade de Porto Seguro (BA). Segundo narrativas locais, o donatário Pero de Campos Tourinho, devoto de Nossa Senhora da Pena, construiu a igreja no ano de 1535 e trouxe a referida imagem de Portugal. Nossa Senhora da Pena é padroeira da cidade de Porto Seguro. Este donatário viveu no Brasil de 1535 a 1546 (11 anos).

FIGURA 2. Santana Guia (Santana e Maria Criança). Museu de Arte da Bahia (MAB). Salvador. Bahia. Imagem disponível [on-line] em: <>. Acesso em fevereiro de 2021.

FIGURA 3. Santana Guia. Proveniente da Igreja Matriz de Santana da Parnaíba. Acervo do Museu de Arte Sacra de São Paulo. Imagem disponível [on-line] em: <>. Acesso em fevereiro de 2021.

FIGURA 4. Santana Mestre. Antônio Francisco Lisboa (Aleijadinho). 1738 – 1814. Proveniente da Capela de Nossa senha do Pilar. Sabará. Museu do Ó de Sabará. Minas Gerais. Imagem disponível [on-line] em: <>. Acesso em fevereiro 2021.

FIGURA 5. Sant'Ana Mestre. Acervo do Museu de Sant'Ana (imagem 0304). Tiradentes. Minas Gerais. Disponível [on-line] em <>. Acesso em fevereiro de 2021.

FIGURA 6. Sant'Ana Mestre (posição frontal) ladeada por São Joaquim e Nossa Senhora, com um querubim acima. Acervo do Museu de Sant'Ana (imagem 0226) . Tiradentes. Minas Gerais. Imagem disponível [on-line] em <>. Acesso em fevereiro de 2021.

FIGURA 7. Santana Mestre. Proveniente da Igreja dos Anciões. Convento de Nossa Senhora do Carmo. Olinda, Pernambuco. Imagem disponível [on-line] em <>. Acesso em fevereiro 2021.

## NOTAS

<sup>1</sup> O Governo Geral não colocou fim ao sistema de Capitanias Hereditárias. As atribuições públicas dos donatários como fazer justiça, cuidar dos assuntos da fazenda real e das questões militares foram absolvidas pelos governadores gerais. Enquanto patrimônio, as capitanias hereditárias existiram até o século XVIII, quando passaram a ser propriedade direta da Coroa (FAUSTO, 2006, p. 37)

<sup>2</sup> Vieram seis jesuítas na comitiva de Tomé de Sousa. Os jesuítas no período de 1540 a 1759 criaram escolas elementares e secundárias. Fundaram missões e instalaram seminários, visando à formação de sacerdotes que atuassem na catequese.

<sup>3</sup> No Rio de Janeiro, a imagem está na Igreja Nossa Senhora da Penna localizada no bairro de Jacarepaguá. Na cidade de Buritis, está na Matriz de Nossa Senhora da Pena. A padroeira das cidades de Buritis (MG) e de Rio Vermelho (MG) é Nossa Senhora da Pena.

<sup>4</sup> Para estimar o grande número de analfabetos durante os séculos XVI e XVII, o censo realizado no Brasil Independente, no século XIX, no ano de 1872, acusou que 84% da população brasileira da época era analfabeta e que esse percentual era de 99% quando se considerava a população escrava

<sup>5</sup> O Abecedário Moral é texto parte do livro Contos e Histórias de Proveito e Exemplo, de autoria de Gonçalo Fernandes Trancoso. O livro foi publicado no ano de 1585, na cidade de Lisboa, Portugal.

<sup>6</sup> Até o ano de 1580, apenas os jesuítas, dedicaram-se à educação escolarizada no Brasil (TOBIAS, 1986, p.41). A partir dessa data, outras ordens religiosas fazem-se presentes nesse campo. Exemplos: franciscanos, carmelitas, beneditinos

# HISTÓRICAS



# ENTREVISTA COM A CRIADORA DO JORNAL DAS SENHORAS

Duas mulheres conversam. As duas vivem na América do Sul, entretanto, uma vive no século XXI e a outra vive no século XIX. Como isso aconteceu? Mistério...

Confira e entenda o que Joana compreende como fundamental para a emancipação das mulheres. Aproveite para ler uma publicação de O Jornal das Senhoras. Sabia que pode consultar edições de O Jornal das Senhoras na Hemeroteca Digital Brasileira?

\*\*\*

## **Joana Paula Manso de Noronha: criadora e primeira editora de O Jornal das Senhoras**

Nossa colaboradora vive no espaço tempo Rio de Janeiro, século XIX e diz ter a luta pela emancipação feminina como uma missão de vida. Joana é uma mulher instruída, jornalista, professora, criadora do jornal O Jornal das Senhoras e defensora da educação feminina. **Histori-se** fez uma pequena entrevista com essa distinta senhora.

### **DO SÉCULO XIX PARA O XXI - CONVERSA DE MULHERES**

- Histori-se – Boa tarde! Obrigada por responder nossas perguntas.
- Joana– Obrigada eu.
- Histori-se – Importa-se de dizer quando nasceu e o motivo de viver no Rio de Janeiro?
- Joana – Quantas perguntas! Eu nasci na Argentina, dia 26 de junho de 1819. Quando aconteceu a ditadura de Rosas, minha família partiu para o exílio. Acabei vivendo no Rio de Janeiro (Brasil).
- Histori-se – Casada? Solteira?
- Joana – Casada, mas hoje estou separada. Penso em voltar para a Argentina.... Tenho duas filhas.

•Histori-se – Se retornar para a Argentina, qual será o destino do Jornal das Senhoras?

•Joana – Não se preocupe. Tenho competentes colaboradoras comprometidas com a causa da emancipação feminina. Acho que a Violante assumiria o Jornal.

•Histori-se – As mulheres são frágeis?

•Joana – São. A mulher, tal como o Criador a formou [é frágil]. **Fraca e frágil como a humanidade inteira**; porque a humanidade não é o homem só – nem a mulher só.

•Histori-se – Então o homem é frágil?

•Joana – **Como a humanidade inteira.**

•Histori-se – O que a senhora defende como a emancipação da mulher?

•Joana – Como existe a consciência, como existe o Eu – porque pensamos e existimos – a Emancipação moral da mulher é, pois – **deixar de ser Coisa, para ser Mulher tal como o Criador a formou.**

•Histori-se – Pode explicar a mulher tal como o Criador a formou?

•Joana – Como dizia... **A mulher, cultivando sua inteligência; porque é esse o destino de toda a potência intelectual.** Mulher que possa, no conhecimento exato dos seus deveres, encontrar a força moral que a preserve na ocasião de subscrever [aceitar] a infames humilhações. **Mulher que possa encontrar, na sua educação, recurso honesto contra a opressão, contra a crápula [indignidade/torpeza], e contra a miséria.**

•Histori-se – Em uma palavra, como a senhora define Emancipação Moral das Mulheres?

•Joana – No meu limitado entender, é sua **ilustração** (conhecimento/educação).

•Joana – Agora tenho que ir...

•Histori-se – A senhora sabia que hoje, no século XXI, temos mulheres soldadas, médicas, funcionárias públicas, ministras, advogadas, oficiais da Marinha? Tivemos até uma mulher eleita à Presidência da República!

•Joana – Menina! Nossa! Eu bem dizia que não queria mulheres soldadas, médicas e outras funções, no meu tempo, masculinas... Mas imagina se eu defendesse isso! Teriam me condenado à fogueira da inquisição! Mas como é que isso funciona?

•Joana – Pena ter que ir... Gostaria de saber mais sobre o que conseguimos. Saber sobre o que, ainda, precisamos lutar para alcançar a emancipação das mulheres e, conseqüentemente, melhora da humanidade. O Brasil é uma república? Sabia que tentei estudar medicina? Pena ter que ir...

•Histori-se – Temos tanto para conversar...

•Joana – Essas janelas do tempo têm curtas e rápidas aberturas. Pena ter que ir.

•Histori-se – Senhora! Por favor, não esqueça o texto para a primeira edição de Histori-se.

•Joana – Mudei de ideia. Não deixarei o texto que havia prometido. Depois dessa curta entrevista, seria bom que publicasse a resposta que redigi ao *Homem*. Está na edição do dia 08 de fevereiro de 1852. Hoje, dia 08, é o aniversário de sua irmã. *Transmita meus votos de felicidades para Isaura.*

## NOSSA ENTREVISTADA ESTAVA MUITO ELEGANTE

Diante de tão ilustre visita, esqueci de pedir uma fotografia. Deixo aqui um dos modelos publicados no ano de 1852, nas páginas de O Jornal das Senhoras, para terem uma ideia de como estava elegante a nossa entrevistada. Acho que sentia um pouco de calor...



JORNAL DAS SENHORAS



## DOCUMENTO

Joana nos conta que recebeu duas cartas assinadas como *Homem*. Apesar de não ter o costume de responder mensagens anônimas, ela publicou uma resposta ao *Homem* na edição de *O Jornal das Senhoras* datada de 8 de fevereiro de 1852.

Será que a janela do tempo foi aberta por eu estar escrevendo sobre ela e seu periódico no dia 8 de fevereiro de 2021? Mistério.... **Segue a colaboração de Joana.**

### REPOSTA

*da Redactora em Chefe do Jornal das  
Senhoras à carta publicada em primeiro  
domingo de Fevereiro assignada – O  
Homem.*

Antes da publicação do 2º numero do  
JORNAL DAS SENHORAS recebi com  
efeito uma carta assignada – O  
Homem.

Atacavão-se nessa carta ideias que  
ainda não tinham sido expostas por  
mim, chamavão-se subversivas as  
doutrinas, que ainda não tinham visto a  
luz publica.

Dava-se-me a descrição orgânica e  
material da mulher, e promettia-se-me  
para adiante descrever-se-me a mulher  
intellectual, uma vez que eu acolhesse  
com agrado as reflexões que si me  
fazião.

Como essa carta me fosse dirigida  
privativamente, julguei-me exonerada  
de responder; em primeiro lugar  
porque, sendo as doutrinas do homem  
muito repulsivas para mim, não sei  
porque motivo havia de procurar uma  
contenda, que tem todos as visos de  
uma tentativa de conversão.

A lucta que intentaes travar  
commigo é a mesma que principiou  
com o mundo: eis as palavras de  
Michelet: “ Com o mundo começou  
uma lucta que só com o mundo  
mesmo acabará: não antes: a dos  
homens contra a natureza; a da  
liberdade contra a fatalidade”.

Nada de novo tίνheis a dizer-me,  
nada de novo tinha eu a  
responder-vos.

Vos pertenceis a escola materialista,  
absolutista e inimiga do progresso do  
gênero humano.

Eu pertenço desde minha mais tenra  
mocidade, á propaganda humanitária  
e progressista.

Somos pois dois antípodas que,  
combateríamos até ao rancor, sem  
chegar a entender-nos porque  
nenhum de nos pode deixar de ser o  
que é.

Eis pelo que me respeita a vossa  
primeira epistola.

Vamos á segunda:

Sois modesto por demais senhor, em suppor  
que minha declaração, sobre a emancipação da  
mulher, me fosse arrancada pela vossa carta; [...];  
vossa carta em comparação á obra colossal a que me  
tenho proposto, é apenas mais um espinho na carreira  
perigosa que empreendi, há dez annos!

Dizeis que deveríeis ficar satisfeito de terdes feito recuar as  
minhas ideias e contradizer o que eu já tinha avançado n'outros  
ns. do meu Jornal, firmando o principio de sujeição phísico e moral  
da mulher para o *homem*.

As leis da urbanidade não consentem que eu responda a esse  
período da vossa carta como elle merece ser contestado; pois que  
me calumniais senhor, sem conhecer-me; comparastes-me a esses  
entes sem consciência que especulam com sua intelligencia, ou  
pensaste que por ser mulher recuaria espantada e não teria ideias  
min as!

Sois vós por ventura, o único materialista que pugna contra a natureza, contra  
a vontade do Creador, e que supõe parar a roda incessante do progresso humano?  
De certo que não!

Por ventura noventa annos de guerras religiosas puderão afogar no seu mar de  
sangue as LIBERDADES DA CONSCIÊNCIA?

Cada liberdade conquistada pelo povo quantos rios de sangue lhe não custou!!  
Pensaes que estou muito assustada?

Eu esperava encontrar um oppositor ás minhas doutrinas, e como isso me dá  
pouco abalo, eu irei avante, segura de preencher uma santa missão, e com toda  
coragem do verdadeiro apostolo da verdade. [...].

Confessai que se tivesse á vossa disposição as torturas e as fogueiras da inquisição  
já eu tinha provado: o fogo, – a água – a cadeira, o potro, os anneis, e por fim estava  
a esta hora carbonizada. E porque?

Por que considerando o matrimonio, não como uma venda infamante do corpo e  
da alma da mulher, dessa a quem Deus tanto distinguiu fazendo della a Mãe,  
porque considerando o matrimonio simplesmente como um contrato social, quis

que a mulher entrasse no gozo de seus direitos, que a bondade de Deus lhe doou, e que o estúpido egoísmo do homem lhe nega!!!

Vós fallaes, senhor da China e da Turquia mas esquecesteis que é o Brasil o único lugar da América e da Europa, onde a maior parte das mulheres são domesticamente tyranisadas! Onde vegetão como a planta, onde sua intelligencia é quase sempre considerada como um crime, e donde, se levantássemos o véo mysteroso que encobre a sociedade, recuaríamos espantados!

E de que valem, senhor, essas prendas feminis com que adornaes a mulher para condemval-a mais tarde ao mutismo? [...]

Quanto mais civiisada estiver a sociedade, mais largo será o círculo das profissões que pode exercer a mulher; porque menores e mais raros serão os preconceitos que lhe tolhem os caminhos da industria e da intelligencia, e os recursos que a subtraem á miséria, ás privações e as mais das vezes á perdição.[...].

Invertestes senhor, as minhas palavras e ousastes prevalecer-vos da vossa mascara, para levar o sarcasmo e o rediculo, onde nunca encontrarão os espíritos rectos outra coisa; que a moral mais pura e os conselhos mais prudentes.

Não vos concedo, senhor, que saiba o que seja AMOR [...]. Para vos a mulher é uma – maquina de propagação. – Não é esposa, – não é mãe; porque lhe negas o que Deus lhe concedeu.  
– Sentimentos e intelligencia.

Dizeis até que injurio a sociedade porque o chistianismo reabilitou a mulher.

E de que serve que Jesus de Nazareth escrevesse na sua bandeira:

Liberdade – Fraternidade – Humanidade?

Como forão recebidas as doutrinas do Joven Mestre de Nazareth?

Suas proposições forão tidas como horríveis, perniciosas, subversivas, etc., etc. E por fim o arrastarão á cruz do martyrio! [...].

Esquecesteis [...] as fogueiras da inquisição não podião ser interpretes das três bases do Christo – Liberdade – Fraternidade – Humanidade? [...].

Estamos no fim da nossa peleja senhor.  
Acabaes como principiastes.  
Fulminaes o meo Jornal, e o exilaes do seio das famílias [...].

A mulher conhece quando é tyranisada,  
tem consciência do que sente,  
não se revolta, porque vive como cativo carregado dos ferros da oppressão.

Revoltae-vos contra Deus, senhor, e perguntae-lhe porque deu alma á mulher,  
porque lhe deu pensamento, porque a fez igual ao homem, porque a fez sua  
companheira, se os instintos ferinos do homem bruto querem apenas a realização  
de seus desejos!

Acuzae a Deus, não a mim.

[...].

Agora que ass' s vos tenho demosntrado [...] que não tenho medo, e que sei  
argumentar, previno-vos que não responderei nem directa, nem indirectamente,  
ás vossas cartas debaixo da assignatura do anonymo.

Eu combato com o meu nome á frente da redacção do JORNAL, e estou no meu  
direito exigindo que assim pratiqueis; porque vossa pública assignatura me  
servirá de garantia, do que a mais stricta urbanidade será observada nas nossas  
polemicas, e que eu não terei por tanto de arrepender-me de haver encetado a  
lucta desigual d'aquelle que peleja a rosto e a peito descoberto, contra um inimigo  
armado e defendido pela mascara do incógnito.

Se assim o quizerdes, até outra vez.

*Joana Paula M. de Noronha*

*8 de fevereiro de 1852*

Leia o documento (REPOSTA) na íntegra e toda a edição do dia 08 de fevereiro



de 1852 em < O Jornal das  
Senhoras\_08 de FEV 1852 >  
Acesso: março 2021.

### REFERÊNCIAS:

O Jornal das Senhoras. Rio  
de Janeiro, 25/01/1852, página

27. Vide em < O JORNAL DAS SENHORAS\_ed 04 > Observação: o texto da entrevista foi idealizado a partir de publicações presentes nessa edição.

O Jornal das Senhoras, edição disponivel on -line em O JORNAL DAS  
SENHORAS\_edic 1 Acesso em janeiro de 2021.

# ARTE E INSPIRAÇÃO



# “A PALAVRA DESÁGUA PORQUE DESTERRA” BYA MEDEIROS



“Brava mãe terra: abriga, alimenta, fecunda, afaga, faz nascer e enterra”

“Brave mother earth: shelters, nourishes, fertilizes, caresses, give birth and buries”

Bya Medeiros

Bya Medeiros - educadora, ambientalista, designer em Cerâmica - brindou Histori-se com o vídeo DESTERRA, parte de seu trabalho Paisagem Impermanências (2018). A sensibilidade e argúcia desta mineira produzem beleza, poesia, denúncia, alerta... dizem de nossa fragilidade...



Paisagem Impermanências – produção selecionada 24 “Concorrência de Talentos de Arte Galeria da CEMIG (Companhia Energética de Minas Gerais)” – foi exibido na Galeria de Arte Cemig (Belo Horizonte/MG) em 2019.

# “A PALAVRA DESÁGUA PORQUE DESTERRA”

## PAISAGEM IMPERMANÊNCIAS

Na ocupação Paisagem-impermanências, o tema paisagem se encontra nos detalhes que o olhar buscou reter. **O interesse é de trazer a visibilidade dos modos e movimentos da terra**, mas não sobre seu deslocamento no espaço que se dá em harmonia com o Sistema Solar. **Antes, evidenciar o modo de ser pisada, de ser pó, de ser movediça; de desmoronar, deslizar, desterrar...**

**Narrar de seus fluxos de impermanências** em virtude das águas de chuva, dos ventos ou de seus tremores internos, alterando a cartografia das paisagens. Às vezes, de forma rápida, outras, sutis e graduais, quase imperceptível, provocando pequenas alterações, como deformidades na superfície e entortamentos de árvores.



Certamente, de quase todas suas formas e movimentos, o perigo assombra nosso olhar ao mesmo tempo que encanta visar seu deslocamento, desprendendo superfícies, encharcando-se e transformando-se em lama. E depois de sobreviver a essa imprudência natural, podemos observar nos detalhes da montanha, terras escorridas e pedras mudas retidas pela ação gravitacional. Pensamos: paralizou-se neste exato momento!

DESTERRA, [confira o VÍDEO INSTALAÇÃO](#) - Paisagem-impermanências no site de Histori-se.

Algo, como um movimento sísmico, acabou de movê-las. A terra escorrida, as pedras arroladas, estão incertas em seu lugar. Qualquer sopro de vento forte possibilitará seu deslocamento. Estas paisagens se transformam e evoluem para zonas de risco para os seres habitantes da terra. **Brava mãe terra: abriga, alimenta, fecunda, afaga, faz nascer e enterra.**

**A impermanência da paisagem reside, talvez, nestes detalhes do entre.** Entre um acontecimento e outro, entre um tempo e espaço retido na memória, na foto, na experiência do visível. O trânsito do acontecimento é da ordem do devir, dos entre-tempos que se sobrepõem. **O entre-tempo, o acontecimento, é um tempo onde não se passa nada, apenas a expectativa, a reserva do olho que tudo come.**

#### **A Autora**

Bya Medeiros é educadora, ambientalista e designer. Graduada em Filosofia, especialista em arte-educação e mestre em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade, trabalha como designer em Cerâmica no seu atelier. Sua investigação e experimentos cerâmicos passam por seus respectivos processos de maturação, e com o tempo, o pensar sobre suas esculturas revela-se num relacionamento de coexistência entre formas e espaços. Teve sua produção exposta em galerias comerciais de cidades como Belo Horizonte, Recife e Rio de Janeiro.



**Conheça mais sobre Bya Medeiros no site**

<https://www.byamedeiros.com.br>

# GIOVANA E MILLIE: DEPOIMENTO DE UMA PROFESSORA DE ARTES

Giovana Ellwanger, professora de Artes, fez um depoimento para Histori-se dizendo do processo de construção de sua professoralidade e do seu gosto pelo processo criativo. Ela, também, nos apresentou Millie, sua companheira felina.



Millie e Giovana presentearam Histori-se com vídeo-aulas de História da Arte.  
Um luxo para nós!

[Assista ao vídeo](#) e conheça a dupla Millie e Professora Giovana.

Sinta um gostinho das interessantes vídeos-aula que elas compartilharão em Histori-se.

# EDUCAÇÃO E LUZ



# APRENDIZAGENS INTERCULTURAIS: MULHERES QUE CONTAM HISTÓRIAS

**Sou educadora da rede estadual do Rio Grande do Sul desde 2014 e atuo numa aldeia do povo Mbyá Guarani desde 2019, contexto a partir do qual vou relatar um pouco das minhas aprendizagens interculturais como docente na Tekoá (aldeia) Guajayvi, que se localiza em Charqueadas (RS).**

Conheci a Tekoá Guajayvi – que na língua portuguesa significa “guajuvira”, árvore nativa dos estados do sul e do sudeste do Brasil -, procurando uma escola indígena para atuar como docente, pelo desejo despertado a partir de uma convivência intercultural que vivenciei com estudantes em 2017 numa outra Tekoá, a Pindó Mirim, aldeia que fica em Viamão, também no Rio Grande do Sul.

TEKOÁ  
PINDÓ  
MIRIM

Pela minha iniciativa como docente da Escola Estadual Normal 1º de Maio, vivenciei com duas turmas de estudantes não indígenas uma experiência que marcou profundamente a minha vida e a minha formação como educadora, que despertou sentidos, sensibilidades e pensamentos, questionamentos adormecidos pela invisibilidade a que são submetidos os povos indígenas em nosso país e que é plasmada em nosso modelo educacional.

A *Tekoá Pindó Mirim* fica num espaço próximo à mata e possui uma escola estadual. Neste dia, conversamos, compartilhamos alimentos, brincadeiras, uma trilha e nos envolvemos num diálogo de saberes sobre a cultura indígena vivida pelas famílias desse coletivo. A atmosfera era propícia para o diálogo e a reflexão, num espaço silencioso e calmo, rodeado de árvores, casinhas de madeira e muita terra.

Tekoá<sup>1</sup> é o nome dado ao espaço que a comunidade guarani habita, conforme Ladeira:

Os lugares onde os Guarani formam seus assentamentos familiares são identificados como *tekoa*. Conforme tradução de Montoya (1640), *Tekoa* significa ‘modo de ser, de estar, sistema, lei, cultura, norma, comportamento, costumes’. *Tekoa* seria, pois o lugar onde existem as condições de se exercer o ‘modo de ser’ guarani. Podemos qualificar o *tekoa* como o lugar que reúne condições físicas (geográficas e ecológicas) e estratégicas que permitem compor, a partir de uma família extensa com chefia espiritual própria, um espaço político-social fundamentado na religião e na agricultura de subsistência. (LADEIRA, 1992, p. 97)

Enquanto me movia na terra da *Tekoá Pindó Mirim*, um turbilhão de perguntas me provocava: como eu ainda não conhecia o povo Mbyá Guarani, nosso vizinho ao longo de quase todo o país e por diversos outros países da América Latina? Os Mbyá Guarani estão presentes em, pelo menos, oito estados brasileiros – ES, PA, PR, RJ, RS, SC, SP, TO –, Argentina, Uruguai e tem sua maior população no Paraguai<sup>2</sup>.

Como pude pensar que existia “o índio” -

esse estereótipo generalizante –, ignorando as existências das centenas de diferentes povos indígenas (são mais de 305 apenas no Brasil, conforme o Instituto Socioambiental<sup>3</sup>), suas línguas e seus saberes, seus costumes e seus fazeres, suas vidas?

Onde estavam esses conhecimentos ao longo da minha formação educacional? Ao longo dos anos escolares, aprendi que

[1] Utilizo a grafia das palavras em Mbyá Guarani conforme registrado no glossário da obra de Maria Aparecida Bergamaschi e Ana Luísa Teixeira de Menezes, *Educação ameríndia: a dança e a escola guarani*. 2. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2015.

[2] Site Povos Indígenas no Brasil do Instituto Socioambiental. Disponível em: <  
[pib.socioambiental.org/pt/Guarani\\_Mbya](http://pib.socioambiental.org/pt/Guarani_Mbya)> .

Acesso em: 15 jan. 2020.

[3] Segundo o Censo IBGE 2010, os mais de 305 povos indígenas somam 896.917 pessoas. Disponível em: <  
[pib.socioambiental.org/pt/Quantos](http://pib.socioambiental.org/pt/Quantos)> .  
Acesso em: 15 jan. 2020.

existiam “índios” no Brasil, que eles se caracterizavam por usar pouca roupa, acessórios feitos de penas, como o cocar e arco e flecha. Poucas páginas dos livros didáticos, já no ensino médio, eram reservadas para falar sobre a população indígena na época da colonização e da exploração do pau-brasil – e dos indígenas. Nenhuma informação sobre o pensamento, o modo de ver e de viver dos indígenas, seus costumes e conhecimentos.

Já no ensino superior, no curso de Filosofia, com uma perspectiva especificamente eurocentrada, a questão indígena não ganhou espaço sequer como pauta de discussão, pela sua relevância na formação da população e da sociedade brasileira, na história do país. Só tive contato com a questão indígena como educadora, ao trabalhar matérias de humanidades no ensino médio. E, então, na oportunidade dessa visita a uma aldeia Mbyá Guarani, através de um projeto de interação escola-aldeia realizado pelo museu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

As descobertas na *Tekoá Pindó Mirim* foram tão intensas que levei a narrativa e as imagens registradas dessa experiência para a sala de aula, para trabalhar o “Dia do índio”, comemorado no dia 19 de abril no Brasil. Decidi que, a partir dessa experiência, iria levar, todo ano, meus estudantes a uma aldeia para conhecer a cultura indígena; sairíamos dos limites das migalhas de matéria que os livros didáticos contêm sobre essa temática, sobre essas vidas. Importante dizer que fundamento minhas práticas na lei 11.645/2008 da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional)<sup>4</sup>, que institui a obrigatoriedade do estudo da cultura e história afro-brasileira e indígena na educação básica.

Como educadores, devemos ter o comprometimento ético de construir uma relação de conhecimento e de convivência - na medida do possível - com os povos do nosso entorno, no caso do estado do Rio Grande do Sul, os

[4] Disponível em <  
planalto.gov.br/ccivil\_03/\_ato2007-2010/20  
08/lei/111645> . Acesso em 10 fev. 2020.

povos Mbyá Guarani, Kaingang<sup>5</sup> e, em registros mais atuais, o povo Xokleng<sup>6</sup>.

O **conhecimento se constrói pela experiência**, pelo vivenciar, pelo sentir, portanto, nossos limites devem estar além dos livros que foram elaborados a partir de uma perspectiva eurocêntrica, que exclui a importância das existências e dos saberes dos povos ameríndios.

## O QUE É A INTERCULTURALIDADE?

Há alguns parágrafos, eu falei sobre uma “convivência intercultural”. **Mas o que é a interculturalidade?** Seu conceito é amplamente estudado na contemporaneidade, especialmente por alguns movimentos de pensamento, os quais buscam dar alguma indicação no sentido de definir e de delimitar seu significado, o qual trarei aqui de forma breve.

**A interculturalidade é uma relação entre, pelo menos, duas culturas, em que ambas são consideradas em termos de igualdade, em que são, ambas, reconhecidas nos seus valores, seu modo de pensar e de viver, numa relação de construção mútua, de diálogo e de aprendizado mútuo.** Mas a interculturalidade é mais, segundo Walsh:

La interculturalidad entendida críticamente aún no existe, es algo por construir. Por eso, se entiende como una estrategia, acción y proceso permanentes de relación y negociación entre, en condiciones de respeto, legitimidad, simetría, equidad e igualdad. Pero aún más importante es su entendimiento, construcción y posicionamiento como proyecto político, social, ético y epistémico - de saberes y conocimientos-, que afirma la necesidad de cambiar no sólo las relaciones, sino también las estructuras,

[5] Disponível em < [planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11645](http://planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645) > . Acesso em 15 jan. 2020.

[6] Algumas reportagens interessantes sobre a retomada de terras pelo povo Xokleng em São Francisco de Paula, RS. Disponível em <https://cimi.org.br/2021/01/seguiremos-lutando-pela-terra-afirmam-xokleng-da-retomadade-sao-francisco-de-paula/> . Acesso em 10 Fev. 2021. Um pouco da história dos Xokleng migrando do Rio Grande do Sul para Santa Catarina: disponível em < [pib.socioambiental.org/pt/Onde](http://pib.socioambiental.org/pt/Onde) > . Acesso em 10 Fev. 2021.

condiciones y dispositivos de poder que mantienen la desigualdad, inferiorización, racialización y discriminación (WALSH, 2009, s. p.).<sup>7</sup>

Como fala a autora, a interculturalidade, compreendida de forma crítica, é um espaço em construção, uma intenção, um fazer que se coloca em desenvolvimento quando intentamos posicionar as diferentes culturas em status de igualdade. Devido ao longo e complexo processo histórico de desigualdade estabelecido a partir da colonização que foi imposto aos povos indígenas, o processo de “descolonização” de nossas formas de compreender nossa relação e de nos relacionarmos com eles é tarefa árdua, porém urgente. **Por isso, a preocupação de educar para uma sociedade intercultural a partir da experiência de vida, da construção de um diálogo:**

El desafío del diálogo intercultural radica precisamente en que el reconocimiento de la diversidad y de las tradiciones indígenas no se convierta simplemente en un asunto del pasado sino en que tengan la posibilidad y el derecho de autodeterminación en el futuro. Lo cual significa participación política en todos los niveles de la organización del mundo de hoy. El interculturalismo plantea el problema no exclusivamente de reconocer la diversidad en un nivel retórico

[7] A interculturalidade entendida criticamente ainda não existe, é algo por construir. Por isso, se entende como uma estratégia, ação e processo permanentes de relação e negociação entre, em condições de respeito, legitimidade, simetria, equidade e igualdade. Mas ainda mais importante é seu entendimento, construção e posicionamento como projeto político, social, ético e epistêmico – de saberes e conhecimentos-, que afirma a necessidade de modificar não somente as relações, mas também as estruturas, condições e dispositivos de poder que mantêm a desigualdade, inferiorização, racialização e discriminação (tradução livre realizada pela autora).

sino el derecho a hacer el mundo de otra manera (FORNET-BETANCOURT, 2007, p. 47).<sup>8</sup>

**Um diálogo que se move na direção do reconhecimento da diferença, da diversidade que possa se realizar no presente e no futuro, como direito dos povos indígenas.** Diferentemente da visão estereotipada de que os povos indígenas são “povos do passado”, **a interculturalidade busca estabelecer o reconhecimento da existência e dos modos de viver desses povos na contemporaneidade.**

**A convivência intercultural a que me referi foi uma experiência poderosa em minha vida,** e posso afirmar que, para as estudantes que me acompanhavam também (todas estudantes do curso de magistério da Escola Estadual Normal 1º de Maio), **sacudindo crenças e impressões construídas ao longo de toda uma formação educacional e autoformação de vida.** E sustento que tivemos uma experiência de cunho intercultural, pois, no tempo em que estivemos na Tekoá, nos despimos de nossos preconceitos e estereótipos, nos soltamos de nossas certezas, já solidificadas pela educação eurocentrada, tratando com respeito, atenção e sensibilidade o modo de pensar e o modo de viver das pessoas Mbyá Guarani. Nos envolvemos, nos interrelacionamos com curiosidade, com a dedicação de quem estava vislumbrando um novo horizonte sendo descortinado à sua frente.

[8] O desafio do diálogo intercultural radica precisamente em que o reconhecimento da diversidade e das tradições indígenas não se converta simplesmente em um assunto do passado, mas sim em que tenham a possibilidade e o direito de autodeterminação no futuro. O que significa participação política em todos os níveis da organização do mundo de hoje. O interculturalismo pensa o problema não exclusivamente de reconhecer a diversidade em um nível retórico, mas sim o direito a fazer o mundo de outra maneira (tradução livre realizada pela autora).

## APRENDIZAGENS INTERCULTURAIS NA ESCOLA INDÍGENA MBYÁ GUARANI

Em 2019, ingressei na escola indígena como docente, em virtude desse acontecimento provocador, que iniciou em 2017, numa construção do meu ser como educadora e como pessoa que passou a admirar e desejar saber cada vez mais sobre o modo de pensar e de viver dos Mbyá Guarani.

A *Tekoá Guajayvi* se localiza na ERS401, na via de acesso à Charqueadas, num espaço que era reservado ao plantio de eucalipto. Hoje, pelo esforço da comunidade, que está no local desde 2014, a mata nativa começa a ressurgir. **Atualmente, são mais de 20 famílias na aldeia, tendo mais de 50 estudantes matriculados na Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental *Guajayvi*, do jardim ao 9º ano.**

**Conhecer a *Guajayvi* representou uma transformação profunda na minha vida,** troquei de cidade (da escola de Porto Alegre para Charqueadas), troquei de escola, troquei de currículo (o currículo no ensino indígena tem suas especificidades), tive que reinventar minhas práticas pedagógicas e repensar os conhecimentos trabalhados em sala de aula.

A interculturalidade me exigia a não reproduzir o conhecimento eurocentrado que aprendi ao longo da minha formação escolar, a não me colocar no papel de “colonizadora” como quem detém os conhecimentos verdadeiros e absolutos, a não excluir a língua guarani das nossas atividades de aula.

Iniciando numa escola bilíngue, em que os estudantes e a comunidade falam duas línguas, o português e – predominantemente - o guarani, me vi, muitas vezes, navegando sem bússola, à deriva, e tive que buscar muitos referenciais pedagógicos, didáticos, filosóficos, sociológicos e culturais para tentar acompanhar a profundidade do desafio que se colocava à minha frente.

**Tive que me situar e me repensar como educadora para poder construir um trabalho pedagógico com intenção intercultural** – e falo intenção, pois são muitos os desafios para realizar um trabalho de fato intercultural, uma vez que carregamos inúmeros preconceitos que formam nosso modo de realizar o trabalho educativo; às vezes, tão sutis que não percebemos.

Nesse caminho, tentando trilhar o caminho da interculturalidade, construímos um alfabeto bilíngue, elaboramos diversos quadros de palavras nas nossas línguas, trocamos histórias de família. **Não tenho dúvidas de que parte da “bússola” que encontrei para me guiar está envolta em afeto e muita dedicação ao querer aprender, ao querer compreender o outro. E, para isso, é necessário ouvir.**

Ouvi muitas conversas sem entender - não falo guarani, estou aprendendo palavras e significados aos poucos, no embalo e ritmo das nossas aulas - e senti os silêncios do amanhecer, compartilhando o chimarrão em volta do fogo. Me deixei atravessar por outra epistemologia, outro modo de produzir conhecimento, outro modo de troca, de transmissão de valores – e isto é interculturalidade também. É convivência profunda e sentida nos mínimos gestos.

Numa dessas manhãs de aula em que eu buscava um rumo aos nossos trabalhos, estava com o planejamento pronto para propor que contássemos, oralmente e por escrito, nossas histórias de vida, começando pelo nosso cotidiano. A atividade foi realizada, cada um contou um pouco do seu dia-a-dia, mas a contação do cotidiano veio com uma ideia dos estudantes mais velhos (dos anos finais do ensino fundamental), que propuseram que a avó, Dona Marta, contasse uma história tradicional para todos os estudantes. Uma história tradicional que eles me disseram chamar-se **“kaxo” em guarani: uma história contada de geração em geração pelos mais velhos aos mais jovens, carregada da cosmologia e da história milenar dos Mbyá.**

Como me disse Adriana Flores, uma das estudantes que é neta de Dona Marta, “qualquer um que sabe uma história pode contar”, mas é muito comum que as avós façam isso, que elas tenham muitas histórias para contar. E, no nosso caso, foi isso que ocorreu: momento organizado pelos estudantes mais velhos, **a forte presença de Dona Marta conseguiu reunir todos os estudantes da escola ao seu redor para contar um kaxo.**

Enquanto estávamos em roda, e o kaxo a ser contado, percebi as crianças silenciosas e atentas à fala de Dona Marta.



Figura 1 – Dona Marta (de frente, com blusa azul claro), contando a história. Fonte: arquivo pessoal da autora.

No mesmo dia, após Dona Marta contar o *kaxo* em guarani para os estudantes (ela é falante apenas de guarani), **Adriana, sua neta, me contou a história em português, tecendo o esforço de traduzir muitas ideias que são próprias do mundo Mbyá Guarani** e, por isso, a tradução dessas ideias é uma aproximação

do que foi contado. Um trabalho de registro foi elaborado de forma ilustrada por Adriana e outros estudantes menores, que, com seus desenhos, deram vida às formas e acontecimentos do *kaxo* contado pela avó.

**Esse é um traço característico do modo de ensino-aprendizagem que desenvolvemos na escola indígena: o trabalho em coletivo, multisseriado, sendo guiado e orientado pelos mais velhos.** Os estudantes mais velhos têm um papel fundamental nesse processo, educando os mais jovens, seja pelo exemplo, seja pela orientação dada em guarani, muitas vezes, traduzindo o que é dito pela professora, para facilitar a compreensão dos demais.

### **AVÓ E NETA - DONA MARTA E ADRIANA - NARRAM O KAXO**

Trago o *kaxo* (história) aqui para contar um pouco do que ouvi e aprendi, com uma intenção de registro mais subjetivo do que documental. **O *kaxo* contado por Dona Marta e Adriana – duas mulheres, avó e neta -, inicia falando do cotidiano de uma aldeia indígena, de uma comunidade liderada por um cacique, que tinha dois filhos. Conta da sua vida na natureza, em meio à mata e a presença de um rio, suas brincadeiras, a pesca, o compartilhamento de alimentos pela comunidade.**

Até que um dia, na volta da mata, surpreenderam-se sendo atacados por homens brancos. Mesmo com a resistência e a luta dos indígenas, os brancos mataram quase todos eles com as suas armas de fogo. O cacique e os filhos lutaram bravamente e sobreviveram, até que o cacique, sendo atacado por um dos brancos, disse ao filho mais velho que salvasse a sua família. Um branco ouviu o indígena chamá-lo de pai e, ao perceber a ligação entre eles, matou o pai na frente dos filhos. Nesse embate, os brancos acabaram levando os filhos do cacique e as suas famílias para a cidade, as mulheres para vender e, os homens, para matar. (TOMAZZONI, 2020, pág. 82)

O filho mais novo foi morto, até que, quando chegou a vez do filho mais velho morrer, ocorreu um fenômeno estranho: a noite chegou abruptamente e a escuridão se fez. E então, apavorado com a escuridão repentina, o branco que mandava nos outros pediu que soltassem os indígenas. Na fuga, os brancos ainda tentaram acertá-los, mas eles atravessaram a mata e conseguiram chegar de volta à aldeia.

Chegando na aldeia, o indígena, com sua esposa e filho, ficaram imensamente tristes, pois todos os que ficaram haviam sido mortos. Carregaram, então, seus corpos para a casa de reza, para pedir a Deus que os trouxesse de volta à vida. Imploraram a Deus para que fizesse algo que trouxesse seus irmãos e irmãs de volta, mas Deus disse que não era mais possível. Não como antes. Foi aí que Deus os transformou em formigas, os colocou em corpos de formigas.

Adriana falou que as formigas são como os guerreiros indígenas: unidos, protetores e aguerridos, capazes de morrerem para defender a sua família. As *tay'i* (formigas) representam não apenas as características da personalidade e da coletividade dos Mbyá Guarani, mas, também, a ideia de que esse povo, assim como outros povos indígenas, percebe seres não humanos como seres que podem ser ou virem a ser indígenas, divergindo radicalmente do antropocentrismo característico do pensamento ocidental. (TOMAZZONI, 2020, pág. 83)

Felizes eles ficaram por isso, pois puderam seguir a viver juntos, na mesma comunidade.

**Essa história ressalta a importância e a força da casa de reza, da dimensão espiritual para os Mbyá Guarani, além de valores como a união e a perseverança.** A casa de reza, chamada “*Opy*” para os Mbyá, aparece, frequentemente, nos desenhos feitos pelas crianças e jovens:



Figura 2 – Desenho de uma casa de reza dos Mbyá Guarani feito por um estudante. Fonte: arquivo pessoal da autora.

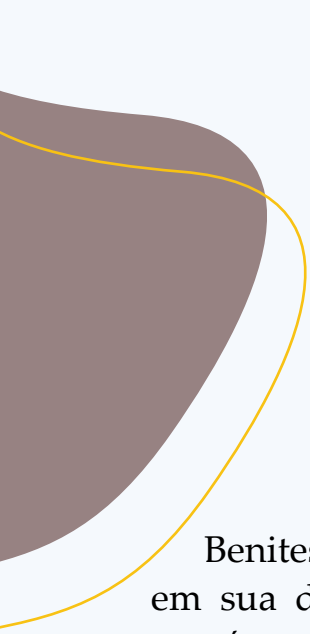
Além disso, a história retrata o desequilíbrio e a violência causados pelos não indígenas ao invadirem o local habitado pelos indígenas, nos levando a fazer conexões com o genocídio feito a esses povos quando da invasão das Américas pelos colonizadores. **A força das imagens e das histórias orais demonstra uma consciência profunda do contraste entre a vida antes e depois da invasão europeia e a desordem de cunho existencial - metafísico - causada pela colonização.** A

escuridão que chega simboliza o fim do mundo, um fim que está relacionado à morte dos indígenas. Como podemos pensar esse acontecimento relacionando aos nossos dias atuais, com a crise ambiental, por exemplo?

São muitas as provocações de pensamento a partir da força simbólica desses acontecimentos, nos convocando a repensar nossa própria cosmovisão, sobre como assimilamos e digerimos, enquanto sociedade, o processo de genocídio e escravização indígena e sobre a importância das suas existências. Além disso, é importante ressaltar que as histórias são factuais para os Guarani, uma oportunidade para que ultrapássemos os limites da nossa cosmovisão, da visão ocidental-moderna para expandir a compreensão a partir de outra cosmovisão. Eis uma questão própria do ponto de vista intercultural.

Sandra Benites, antropóloga, arte-educadora e artesã Guarani Nhandewa<sup>9</sup>, em sua dissertação de mestrado (2018), fala sobre **a força da oralidade a partir das vozes de mulheres e, também, sobre o valor de verdade das histórias para os Guarani:**

[9] Segundo LADEIRA (2007, p.30), “os índios Guarani contemporâneos que vivem no Brasil podem ser classificados em três grandes grupos – Kaiowa, Nhandéva, Mbya -, conforme diferenças dialetais, de costumes e de práticas rituais. Embora em outros países – Paraguai, Argentina, Uruguai, Bolívia, existam outros subgrupos Guarani, no Brasil, dada a grande dispersão causada pelos movimentos migratórios em direção ao leste, algumas diferenças culturais e linguísticas foram atenuadas.”



Como é possível transmitir os conhecimentos através das narrativas que aprendi com minha avó e com as minhas tias e minha mãe? Meu objetivo ao contar essas histórias a partir da perspectiva delas, e, por isso, sempre as cito como principais autoras dessa narrativa. Depois, eu compreendi que é importante saber o segredo, o poder que essa história tem na vida dos Guarani. É “mito” para os juruá, mas para nós Guarani não é mito. (BENITES, 2018, p.64)

Benites (2018) faz referência à história de “Nhandesy ‘ete”, a qual ela nos conta em sua dissertação, que significa “nossa mãe verdadeira”, uma história que contém as regras sobre o modo de vida das mulheres Guarani – e do sistema de vida Guarani como um todo - e que é transmitida oralmente de geração em geração. **As mulheres possuem um papel educativo fundamental na estruturação e na organização do modo de vida dos Guarani, atuando na preservação e na manutenção da sabedoria ancestral através da tradição da oralidade.**

### ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A partir das questões suscitadas por esse kaxo, podemos refletir sobre a nossa experiência e consciência da própria história como foi tecida, registrada e aprendida, como ela é retratada dentro dos nossos currículos e nos materiais didáticos no que tange à invasão e colonização, bem como seus desdobramentos sócio-históricos e culturais na contemporaneidade.

Os Mbyá Guarani, assim como outros povos indígenas, possuem seu próprio modo de pensar a respeito da sua história, de produzir e de transmitir conhecimentos para seus jovens e crianças, mantendo e atualizando a memória coletiva dos

seus povos, **uma epistemologia centrada na oralidade e nas representações imagéticas.** Essa foi uma das minhas maiores aprendizagens como docente na escola indígena Mbyá Guarani, um momento de aprender descolonizando meu modo usual de conhecer, especificamente centrado na escrita. Além disso, **as mulheres possuem um forte protagonismo no que diz respeito à educação e à manutenção da cultura, com sua organização própria que é transmitida de geração em geração.**

Com isso, não apenas trago um pouco da história da nossa escola, da construção diária da interculturalidade, mas um pouco da história das mulheres que ao

contarem histórias transmitem valores éticos, como perseverança, a potência da união, da esperança e fé nas suas culturas. **A oralidade, como instrumento de produção de conhecimento se mostra efetiva e em toda a sua potência através dos kaxo, onde mulheres que contam histórias desdobram-se no tempo, multiplicando-se e multiplicando a força das suas origens e das suas crenças.**

### **A AUTORA:**

**Márcia Luísa Tomazzoni**

Nascida em Porto Alegre em 1983, é formada em Filosofia e mestra em Educação pela UFRGS, educadora apaixonada pela profissão, pelos estudos sobre educação, culturas e humanidades em geral. É educadora sindicalizada do Estado do Rio Grande do Sul desde 2014. Gosta de ler, escrever e de ver filmes/séries. Ama os animais, é vegana há aproximadamente 15 anos.

### **REFERÊNCIAS**

BENITES, Sandra. Viver na língua Guarani Nhandewa (mulher falando). 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida; MENEZES, Ana Luísa Teixeira de. Educação ameríndia: a dança e a escola guarani. 2. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2015.

FORNET-BETANCOURT, Raúl. Sobre el concepto de interculturalidad. México: Consorcio Intercultural, 2007.

LADEIRA, Maria Inês. Guarani Mbya. Site Povos Indígenas no Brasil. 1992. Disponível em: [https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani\\_Mbya](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani_Mbya). Acesso em: 20 jun. 2019.

LADEIRA, Maria Inês. O caminhar sob a luz: o território mbya à beira do oceano. 1a Edição. Editoria UNESP. 2007.

TOMAZZONI, Márcia Luísa. Movimentos da Guajayvi: narrativas de descolonização desde a escola indígena Mbyá Guarani. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

WALSH, Catherine. Interculturalidad crítica y Educación Intercultural. In: INTERCULTURALIDAD Y EDUCACIÓN INTERCULTURAL, 2009, La Paz, Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello. Artículo. La Paz: Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello, 2009. Disponível em: [http://www.uchile.cl/documentos/interculturalidad-critica-yeducacion-intercultural\\_150569\\_4\\_1923.pdf](http://www.uchile.cl/documentos/interculturalidad-critica-yeducacion-intercultural_150569_4_1923.pdf). Acesso em: 01 jul. 2019.

# DIADORIM

## CINEMA E LITERATURA



# CARMEN, ALICE E HELENA – RETRATOS DO FEMININO EM SOLBERG

**Em minha opinião, Helena Solberg é, essencialmente, documentarista: uma diretora que se debruça reflexivamente sobre os recursos discursivos que estruturam esse tipo de audiovisual.** No entanto, conheci sua obra quando assisti ao encantador *Vida de menina* (2004). Não se trata de um documentário, mas de uma ficção biografia<sup>1</sup>, ou cinebiografia, adaptada a partir do livro publicado sob o pseudônimo Helena Morley. O filme motivou minha busca por outras obras da mesma realizadora.

**Solberg conquistou um cinema autoral com documentários em que apresenta o olhar das mulheres sobre si mesmas<sup>2</sup>.** A cineasta constrói a narração com a voz de entrevistadas/os, com manchetes ou legendas de jornais, com fotos de época, seja de particulares, seja da mídia, enfim, com discursos provenientes de diversas fontes e que possam compor as reflexões que apresentam o tema e o ponto de vista do documentário.

Também encontramos estratégias resultantes da alternância de discursos do audiovisual, como a voz da entrevistada em off<sup>3</sup> e um cenário que contrasta com o que ouvimos no áudio; ou, ainda, a dramatização – recriação – de cenas da vida de uma figura famosa entre depoimentos de entrevistados, de modo a misturar recursos comuns a relatos ficcionais àqueles frequentes em documentários, realização que caracteriza o docudrama (2001, p. 73).

[1]Nessas notas, bateremos um papo à parte, certo? Os dois substantivos são propositais, lembram que biografia e ficção têm algumas intersecções que interessam ao documentário...

[2]Inclusive e inicialmente, mulheres da classe média brasileira, recorte na contramão do Cinema Novo e do cinema preocupado com a voz do povo brasileiro.

[3]Todas as menções à linguagem do audiovisual podem ser esclarecidas em um dos dois endereços eletrônicos oferecidos nas referências. Super indico o site e o livro primeiro Filme, do Carlos Gerbase, mas indiquei também o material de Lucia Lonso porque estudei cinema com o professor Francisco Araújo, no Curso de Jornalismo da Unisinos, e aprendi a linguagem que Lonso descreve: menos moderna, mas também eficiente.



*Helena Solberg. Fotografia de autoria desconhecida.*

Solberg coloca em xeque a presença de um ponto de vista definitivo, de uma verdade que encerre aqueles acontecimentos a outra perspectiva. Em suas produções, o/a narrador/a assume identidade de gênero e de classe social<sup>4</sup>.

[4]O que, a mim, encanta. Afinal, narrativas com ponto de vista exigem reflexão, riqueza de vocabulário e de estratégias, pertencimento...

Assistir a obras como o curta *A entrevista* (1966) e a trilogia iniciada com *The Empowering Woman* e finalizada com *Simplesmente Jenni*, em que a condição feminina em diferentes classes sociais é o foco da diretora; ou ao inteligente *From the ashes... Nicarágua Today* (*Das Cinzas... Nicarágua Hoje*) –, trabalho pelo qual recebe, em 1983, o prêmio *National Emmy Award* devido à produção de um retrato reflexivo da condição feminina através de entrevistas realizadas com uma família nicaraguense, acompanhada pela câmera; ou ainda ao *Palavra (en) cantada* (2008), cujo foco muda de direção a fim de refletir sobre a música popular brasileira, enfim, assistir a esse conjunto é também fazer um estudo sobre *História, Cinema e Narração*.

Karla Hollanda, em *Mulheres atrás das câmeras – as cineastas brasileiras de 1930 a 2018* (2019), organizado por Luíza Lusvardi e Camila Vieira da Siva, situa o curta com o qual Solberg inicia seu cinema autoral:

“[...] pode-se dizer que *A entrevista* é fundante do cinema moderno brasileiro de autoria feminina – e não só entre os documentários” (2019, p. 69).

Essa importância da película está calcada em depoimentos “*ambíguos, inseguros e não assertivos*” (2019, p. 69), em declarações que a diretora não realinha sob a voz de quem dirige, como se fossem possíveis respostas definitivas, mas às quais garante “*o que deveria mesmo lhes ser inalienável: todo o direito do mundo ao titubeio*” (2019, p.69). **A hesitação ante o redemoinho da vida e as certezas categorizantes da sociedade parece muito mais honesta e próxima de uma face da verdade do que as vozes em off dos documentários tradicionais**, a conduzir narrativas lineares em nome deste ou daquele discurso hegemônico. **Desde o início de sua trajetória, a cineasta opta por construir audiovisuais com ponto de vista, com lugar dentro da História, com pertencimento.** Do conjunto de realizações de Solberg (atualmente com 83 anos), chamam minha atenção dois filmes.



Carmen Miranda – *Bananas is my bussines* (1994) é um docudrama ou documentário dramatizado (CASCAIS, 2001, p.73) acolhido com entusiasmo e premiado: *Prêmio de Melhor Documentário Dramático no Festival de Chicago* (1995), *Melhor Filme pelo Júri Popular, Prêmio Especial do Júri e Prêmio da Crítica no Festival de Brasília* (1994), *Melhor Documentário no Festival de Cinema Novo Latino-americano de Havana* (1995) e *Melhor Filme no Festival de Montevideo* (1996).

**Vida de menina** (2004), baseado no *Diário de Helena Morley*, pseudônimo de Alice Dayrrel Caldeira Brandt (1880-1970), conquista o prêmio de Melhor Filme no Festival de Cinema de Gramado (2004), arrebatando ainda prêmios nas categorias Melhor Roteiro, Fotografia, Direção de Arte, Música e Júri Popular. P r i m e i r o longa-metragem de caráter ficcional, *Vida de menina* repete o sucesso de Gramado e obtém o prêmio de Melhor Filme pelo Júri Popular no Festival do Rio de Janeiro (2009).



Mariana Tavares (2019) comenta que o docudrama procura compreender a causa da caricaturização da imagem de Carmen Miranda nos EUA. Quanto ao lugar que ocupa na história do cinema brasileiro, a pesquisadora afirma que a utilização da ficção, o extenso trabalho de pesquisa e as dezesseis entrevistas com pessoas que conheceram Carmen transformaram o filme em “um dos mais relevantes documentários da década de 1990, período da retomada do cinema nacional” (2019, p. 173).

*Carmen Miranda - Bananas is my bussines* coloca em cena duas figuras complementares: Carmen Miranda e Helena Solberg

**A diferença entre ambas?** Carmen nasceu portuguesa e residiu desde muito novinha no Rio de Janeiro. Era filha de um barbeiro, moça carinhosa e atenciosa, como revelam declarações e cartas. Trabalhadora, ela gostava de cantar, dançar e fazer chapéus. A habilidade com os chapéus estendia-se ao cuidado com o próprio figurino.

Helena – nascida na classe média do Rio de Janeiro, filha de pai norueguês e de mãe brasileira –, cursa a Faculdade de Línguas Neolatinas na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), ocasião em que conheceu o Cinema Novo com Cacá Diegues, Arnaldo Jabor, Nelson Pompéia, Celso Guimarães, entre outros. **No docudrama, é a memória da jovem Helena, impedida de ir ao enterro de Carmen Miranda por determinação dos pais, o ponto de partida da narração.**

**Vida de menina apresenta parte da juventude de Helena Morley, menina moça espetada, que corre por campos e sobe em árvores, escuta histórias e escreve as suas próprias.**

A cineasta concede a palavra à jovem mineira em estilo que Tavares (2019) observa com acerto: a narração é conduzida pela voz over, como se a menina “estivesse lendo em voz alta seus escritos” (2019, p.173). No filme em que ficção, biografia e documentário estão imbricados, a poesia narrativa cresce se considerarmos seus filmes anteriores.

Cenas com muita luminosidade desvelam uma Helena Morley capaz de refletir e chegar a conclusões próprias, por vezes muito maduras e de análise contundente no que se refere à **Diamantina de 1893**. De descendência inglesa por parte de pai e portuguesa por parte de mãe, dona de um tipo físico que a distancia de outras meninas da localidade, a protagonista apresenta situações vividas em uma época em que o olhar afetoso e crítico da jovem incide sobre o mundo adulto e os costumes da sociedade local com lucidez. A atitude de deixar falar a Helena de Alice Brandt funciona como

expressão da voz de Helena Solberg, que, se mais uma vez **escreve com a câmera uma história sobre o feminino, filma também uma história sobre meninas que crescem para produzir seus próprios discursos, sejam literários ou audiovisuais.**

Em *Carmen Miranda – Bananas is my bussines*, a personagem título sai do Brasil para conquistar a si mesma – como brasileira – e ao Brasil. Carmen dança bem, canta bem, tem um gingado que encanta mundo a fora. As bananas, os balangandãs, o exotismo do figurino e o brilho dos olhos levam Carmen Miranda a produto de exportação do Brasil – o país vendia uma imagem. No entanto, a classe média brasileira – e os jornais – a recusavam. **Carmen quer ser aceita, quer ser reconhecida pelos brasileiros e pelo Brasil, ela quer a aceitação da classe que a recusa, ela deseja um passaporte brasileiro – que nunca receberá.**

Em *Vida de menina*, o cotidiano em Diamantina molda a menina, apesar das enaltecidas linhagens de além mar: a inglesa e a portuguesa. Helena é brasileira e não é brasileira porque deve fazer como as moças inglesas. **De espírito vívido, tem na avó materna a proteção de que necessita para todas as travessuras e teimosias – incluem-se, aqui, ideias e atitudes nem sempre adequadas às meninas daquela época e daquele lugar.** Frequenta as aulas de etiqueta da tia Madge e corre por campos e riachos com *Arinda*, a amiga negra, e os irmãos, *Renato* e *Luisinha*. *Helena* está à frente de sua época. Ela reconhece os movimentos da sociedade a que pertence, tem consciência do lugar que ocupa por ser menina e pobre e testa os limites de sua própria ousadia em relação à comunidade em que está inserida como resistência ao menosprezo que sua singularidade lhe granjeia, provocando estranhamentos sem perder de vista o que é comum ou familiar. As histórias e reflexões que experimenta têm no diário o espaço para o amadurecimento da personalidade da menina moça e a realização do que viria a ser uma obra literária canônica. **A jovem tem o vigor das meninas que recusam os papéis sociais pré-definidos e das mulheres contadoras de histórias** Das mãos buliçosas de Helena, surge o retrato de uma sociedade patriarcal, machista, opressora e escravocrata, e de algumas mulheres que resistem enquanto amorosamente se apóiam.

**Os filmes permitem que acompanhem o olhar da diretora sobre essas duas figuras femininas, ambas descendentes de famílias em que o estrangeiro e o nacional se misturam.**

O docudrama sublinha o não pertencimento de Carmen: enquanto os balangandãs e as roupas desenham o exotismo e a sensualidade a que a artista acaba reduzida nos EUA<sup>5</sup>, as reportagens que pouco valorizam a cantora sinalizam, para a classe leitora dos jornais brasileiros, o estranhamento e a negação de tudo o que a figura de Carmen Miranda poderia representar para o Brasil. Cenas do filme como o plano detalhe<sup>6</sup> que oferece ao/à espectador/a os tamancos da cantora em uma das primeiras dramatizações do filme, ou a escolha de cenas retiradas dos filmes em que Carmen atuou, contrastam com o plano detalhe da mão pequena na calçada das estrelas em Hollywood, com a figura da moça que faz chapéus e com a voz da jovem Carmen cantando um tango<sup>7</sup>. Paralelamente, as declarações dos entrevistados – referentes à doçura da jovem ou à sua firmeza quanto aos músicos que a acompanhariam no exterior – e as reflexões da narradora sobre si própria e o desejo que tinha de compreender a cantora constroem uma ponte entre Carmen, Solberg e nós, os espectadores brasileiros. Essa narração com vários tipos de discursos produz espanto em quem assiste ao docudrama porque percebe, inexoravelmente, a diferença entre a “Pequena Notável” que deixou o Rio de Janeiro e a Carmen que morre na Califórnia, vítima da depressão e de um ataque cardíaco. **Percebe, ainda, o quanto a figura de Carmen se modifica a cada olhar, re-significando nossa relação com a cantora e com nosso país.** Acabamos por assumir dúvidas e hesitações da narradora – não há respostas

para a maior parte das perguntas, afinal, nós, de uma ou outra forma, talvez também tenhamos perdido a “oportunidade de ver Carmen

[5] A caricaturização da cantora brasileira – sim, para mim, ela foi uma artista brasileira – servia aos interesses estadunidenses de rebaixamento do Brasil e da América Latina – tudo o que fosse gostoso e prazeroso poderia satisfazer os apetites do homem branco norte-americano. Há estudos sobre os filmes em que Carmen atuou e sobre as canções que interpretou, os quais analisam o papel designado a Carmen enquanto trabalhou nos EUA. E outra fonte seria a biografia da cantora escrita por Ruy Castro.

[6] Idem ao exposto acima, na nota 3.

[7] O tango e o samba bebem nas raízes africanas, na música feita nas periferias, na Argentina e no Brasil. Na verdade, tudo se conecta...

Miranda” (1994).

O filme mostra como a história de pertencimento forjada para Carmen e para o Brasil como parte da política de boa vizinhança entre as nações estadunidense e brasileira produziu estranhamento e distanciamento. Se por um lado, ao longo dos 15 anos em que morou nos EUA, Carmen fica cada vez mais kitsch, as canções que interpretou e o samba que promoveu fizeram-na um mito sempre associado ao Brasil. **A recusa desse mito por parte da classe média brasileira e dos pais da narradora do docudrama, Helena Solberg, não impede que a curiosidade de uma mente jovem e aberta, proibida de despedir-se da cantora, revise a história de Carmen e a sua própria.** Não por acaso o filme encerra com imagens que remetem a um encontro entre a mãe e a “Pequena Notável”, e a voz da narradora Helena a declarar que vai tudo bem lá em casa. O docudrama oferece recursos para esse recordar que documenta, de modo a reatar momentos partilhados por uma sociedade e momentos relacionados à vida privada – dessa relação emerge o espanto, a percepção de um erro, de um mal, de um gesto que endossou uma figura latina sensual e abandonou a riqueza do samba e a originalidade dos figurinos<sup>8</sup>. **O Brasil esqueceu-se de si; a moça que não pode ir ao enterro de Carmen nunca esqueceu o Brasil e Carmen. No exterior, reencontrou-se com a cantora, trouxe-a para casa, apresentou-a a sua mãe e a todos nós.**

A ficção biografia enfatiza os mundos entre os quais a menina se debate – as ideias e os hábitos ingleses em contraste com a tradição portuguesa muito alicerçada na figura do tio e, ainda, o contraste dessas culturas com aquela que se formava na vida comezinha, entre escravos, colegas e vizinhança. **No diário, Helena Morley converte sua narração em olhar que enxerga o familiar com estranhamento: o afeto que perpassa as memórias tem a força para denunciar o que é cruel, o que é falso, o que é discriminação de etnia ou de classe.** A narração de seu próprio ponto de vista permite à personagem encontrar-se com valores que considera importantes e recusar o que lhe é “repugnante” ou “falso”, termos que a menina usa com certa frequência. **No caderno que usa para escrever suas histórias, essa Helena**

[8]Recordo o maravilhoso Secos e Molhados e um Ney Matogrosso que finca o pé no Brasil. O cantor recusa um convite similar ao de Carmen Miranda, como declara à Revista Rolling Stone.

**mineira confessa seu juízo de valor sobre si mesma, a família e os vizinhos.**

A narrativa fílmica abre com fotos em preto e branco e o som de gorjeios e de sinos como pontuação que secunda a narração visual. Esse início apresenta uma narração por meio de texto escrito, a qual situa o espectador quanto ao tema – “uma menina começa a escrever seu diário” (2004) –, o momento político – “O Brasil acabara de abolir a escravatura e de proclamar-se República” (2004) –, a situação econômica e decadente de Diamantina e a permanência de alguns estrangeiros que ali chegaram em busca de fortuna. As imagens fotográficas apresentam grupos, provavelmente de familiares ou amigos. Homens e mulheres brancos, de todas as idades, mulheres negras, cachorro e uma paisagem rural dão lugar a um enquadramento em plano

**é Helena Solberg, sensível às narrativas de mulheres e apreciadora de histórias.**

Ao longo do filme, vários momentos enfatizam o gosto da menina pela contação de histórias, seja oral ou escrita. A sequência de cenas em que vemos, em *plongée*<sup>9</sup>, no primeiro plano da tela, a menina triste, sentada em um galho no alto da árvore, e, em segundo plano, a avó que, sob a árvore, vem saber das tristezas da neta, essa sequência revelará ao espectador uma menina sensível e imaginativa e uma avó contadora de histórias que alegram e surpreendem. A conversa entre o

geral: vemos a torre vermelha da igreja e uma paisagem ampla, esverdeada. **Em seguida, conhecemos Helena Morley no dia de sua crisma: a câmera em enquadra o rosto sardento, dois olhos azuis muito abertos e cabelos ruivos parcialmente cobertos por um véu branco em um primeiro plano: a menina não perde uma única palavra da história cotada pelo padre.** E, quando o pároco conta a história da menina que morreu e do capeta que viera pegar “por detrás do altar o corpo da pobre desgraçadinha” (2004), Helena, em close, inclina a cabeça, e a diretora revela as pernas da “desgraçadinha” arrastadas em meio a chamas, atrás do altar. **Assim é Helena Morley – sensível, imaginativa, apreciadora de histórias.** Assim

[9]Idem ao já exposto sobre a linguagem – ou sintaxe – do audiovisual. Neste caso, *plongée* refere-se ao ângulo em que a personagem está – focalizada de cima, ângulo acima dos olhos, fica pequena, como se houvesse algo maior acima dela.

professor negro *Teodomiro* e a aluna leitora de *Viagem ao centro da terra* quando o mestre descobre que ela não prestava atenção à aula para escrever suas próprias histórias no livro de *Júlio Verne* dimensionam a importância daquele momento para as histórias que *Helena* precisaria escrever e ler para a classe, a qual se tornaria sua plateia cativa. As cenas de plano conjunto em que uma *Helena* aflita lê suas composições para a vovó amada, então com a saúde já fragilizada, **promovem a reunião de duas figuras femininas empenhadas em um afeto profundo e recíproco cujo ponto de articulação é o desejo de escrever da menina e a admiração pela história escrita por parte da avó.**

**Outras cenas envolverão figuras femininas admiráveis,** como a vizinha mal-vista, única a socorrer *Helena* e a mãe quando esta adoeceu. O gesto solidário da mulher a quem antes a menina devotava todos os pré-conceitos que já ouvira desmancha a animosidade da criança. **O reconhecimento produz em Helena reflexões sobre esquisitices, coisas que todo mundo diz e aquilo que ela, Helena, passa a conhecer sobre a pessoa.** As mulheres negras que trabalham e moram no sítio da vovó, como *Generosa*, que participa das conversas entre neta e avó, e as crianças negras que moram no sítio, como a menina *Arinda*, parceira de folguedos, sonhos e alegrias, fazem parte das memórias da infância que vão do bolo de fubá às brincadeiras no riacho. *Helena* gostava de estar na casa de vovó, de conviver com a gente negra, era um mundo mais alegre sob o ponto de vista da jovem. **Sem a dona da casa, a cena em que a carroça se distancia, levando Arinda para outro lugar, o sítio da tia Chiquinha, e separando-a de Generosa, revela uma Helena entristecida, mais madura e só, e uma escravidão que não fora de fato abolida.**

As figuras masculinas são atingidas por classificações impiedosas quando caem no desagrado da pequena escritora. No plano conjunto em que o tio senta ao lado da sobrinha e tenta pegar-lhe a mão, **o enquadramento em plano detalhe mostra ao espectador a agonia da menina** que, com um movimento brusco retira a mão de dentro da mão do tio *Geraldo*. Aliás, a menina classifica como fingidos aqueles em que percebe a representação de um sentimento movida por interesses particulares, sempre em

benefício do fingido. As cenas em que uma *Helena* desolada vai em busca do pai após uma forte reprimenda materna, por outro lado, trazem enquadramentos que valorizam o ambiente rural e o cabelo avermelhado da menina<sup>10</sup>, particularmente quando esta olha para o pai, dentro da água, na busca vã pelo tesouro há tanto acalentado. *Helena* consegue tirá-lo dali e levá-lo para casa.

[10] Uma metáfora para o ouro, criando um paralelo e uma oposição – Helena é um tesouro, vale mais, portanto, que as pedras que o pai tanto procura. E ele se ausenta da família constantemente, ocupado com os tesouros da mineração. Essa cena e o diálogo entre pai e filha trazem um insight precioso sobre a expressão amorosa juvenil.

**A narração conduzida por Helena Solberg aproxima-se da literatura de *Helena Morley*: ambas colocam-se no limiar entre a narração autobiográfica e a ficcional.**

Esses limites levam ao espectador uma sensação de espanto e de verdade – de espanto porque nos parece incrível que uma menina olhe a si mesma, a família e a sociedade com tal lucidez, assumindo seus malfeitos, mostrando-se reativa às ofensas e carinhosa e extremada em situações que lhe exigem atitudes mais adultas; de verdade porque enxergamos a arrogância dos ricos e a soberba de alguns estrangeiros, a crueldade da pobreza e da escravidão e a não valorização de meninas e mulheres, ao passo que, paralelamente, vemos o amor familiar, a amizade entre colegas de colégio e amigas de infância, a cumplicidade na difícil etapa da adolescência para a vida adulta, a solidariedade entre moradores e comerciantes da localidade, os rituais religiosos que requerem a participação da comunidade. **Há muito realismo no relato das duas Helenas e ênfase naquilo que importa para uma menina de 14 anos, entre 1893 e 1895.** Assim, a Diamantina que colore o pano de fundo da narração assemelha-se a um documento de época. E a complexa rede de relações que as Helenas nos apresentam ganha as cores da História e da vida.

**O docudrama revela uma Carmen que amava o Brasil e a cultura nascida na Lapa, mas transforma-se num ícone, perde a complexidade do mundo de onde veio, fica kitsch nos EUA.**

Os símbolos que carrega a levam para longe do país que ama, o que lhe foi familiar a torna estrangeira novamente tanto porque submetida a uma indústria americana quanto porque a classe média brasileira continuava de olhos postos na Europa. A voz da narradora endossa esse movimento de evadir-se da pátria, de ficar só e estrangeira e recorda a Carmen que a Helena Solberg de 1994, cineasta reconhecida por sua obra, pode trazer para si e para nós.

**A ficção biografia mostra o frescor da juventude e de uma inteligência ousada, que não se submete ao que lhe determinam.**

*Helena Morley* quer escrever e escreve. Pensa e questiona o mundo em que está; resiste negociando, gritando, abraçando. O olhar de criança desvela a formação de uma personalidade que traz como herança, muito mais que as culturas de Portugal ou Inglaterra, o sentimento de pertencimento à Diamantina e à infância ali vivida. **Como a Helena que dirige audiovisuais reencontrou Carmen e o Brasil em um docudrama, a Helena de Alice Brandt escreve e reencontrou Diamantina e seus personagens em uma ficção biografia.** E a Helena cineasta de 2004 estende as mãos à Helena escritora, ambas contadoras de histórias que falam de pertencimento. A narração permite constituir os fios da pertença. **Os dois textos, o fílmico e o literário presente na voz *over*, assumem posições e não ocultam hesitações, medos, afetos interrompidos – só assim é possível recordar e dar as mãos.**

Recordar significa trazer de novo ao coração, fazer passar novamente pelo coração. Do latim, apresenta o sufixo *re-* e o substantivo *cordis*, que quer dizer coração. “Forte coisa”, como diriam dona Teodora e Helena Morley.

**Que as Carmens, Alices e Helenas nos ajudem a dar as mãos e reencontrar o Brasil!**

## **A AUTORA:**

**Vera Haas**

Doutora em Literatura. Professora EBTT. Jornalista.

## **REFERÊNCIAS**

CASCAIS, Fernando. Dicionário de Jornalismo – as palavras dos media. São Paulo/Lisboa: Editorial Verbo Lisboa, 2001.

GERBASE, Carlos. IN: <https://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/> Acesso em 06.03.21

HOLLANDA, Karla. “Documentário [e afins] feitos por elas – um painel”. IN: LUSVARGHI, Luiza; SILVA, Camila Vieira da. Mulheres atrás das câmeras – as cineastas brasileiras de 1930 a 2018. São Paulo: Estação Liberdade, 2019.

LONSO, Lucia. Tipos de planos e sua importância para a narrativa visual. IN: <https://www.domestika.org/pt/blog/4472-tipos-de-planos-e-sua-importancia-na-narrativa-visual#> Acesso em 06.03.21.

SOLBERG, Helena. Carmen Miranda – Bananas is my business. 1994, docudrama, longa-metragem, 35mm, colorido, 92 min. IN: <https://www.nowonline.com.br/filme/carmen-miranda-bananas-is-my-business/181667> (filme completo).

SOLBERG, Helena. Vida de menina. 2004, ficção, longa-metragem, 35mm, colorido, 101 min. DVD.

TAVARES, Mariana. Helena Solberg: trajetória singular de uma cineasta brasileira. IN: LUSVARGHI, Luiza; SILVA, Camila Vieira da. Mulheres atrás das câmeras – as cineastas brasileiras de 1930 a 2018. São Paulo: Estação Liberdade, 2019.

# ÚRSULA HISTÓRICAS ESCREVEM



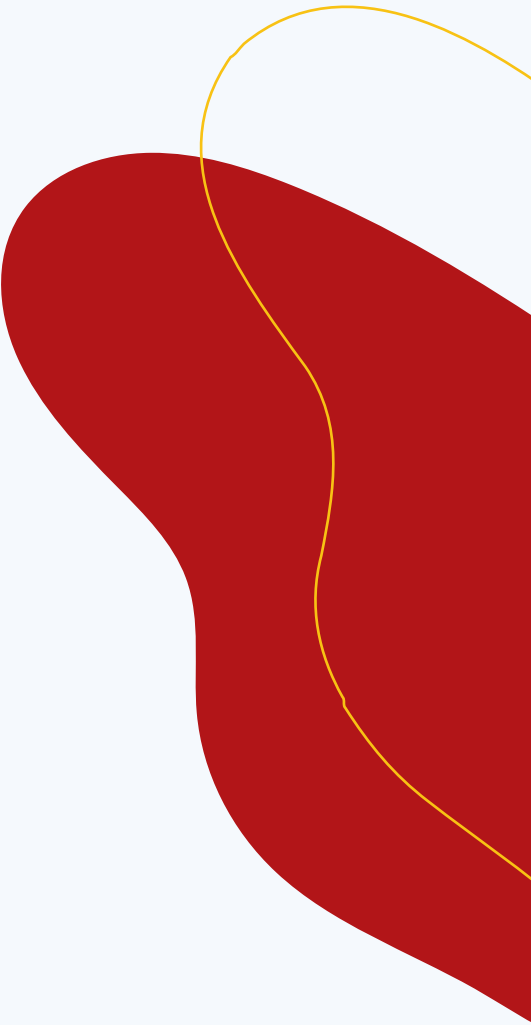
# MESMO QUE O TEMPO SEJA UM NÃO

Então, porque faltou luz, fomos, eu e a mãe, para o pátio, ver a extensão do problema. A luz tinha faltado em toda parte. A praia inteira às escuras. E aí, como talvez aconteça sempre que algo falta, algo sobrou. A escuridão de tudo ao redor projetou um céu como, há muito, eu não via. Dava pra ver o mar. A espuma das ondas estourando. A lua, a nuvem, estrelas próximas e distantes.

Foi um encantamento no meio do breu desse tempo sobre o qual, já me dei conta, ainda não consegui escrever, eu imóvel diante do assombro de tudo.

Tenho andado assim: trabalhando muito, escrevendo um pouco, tentando tocar coisas que nem sei mais onde tangíveis, o mundo ele todo uma outra coisa.

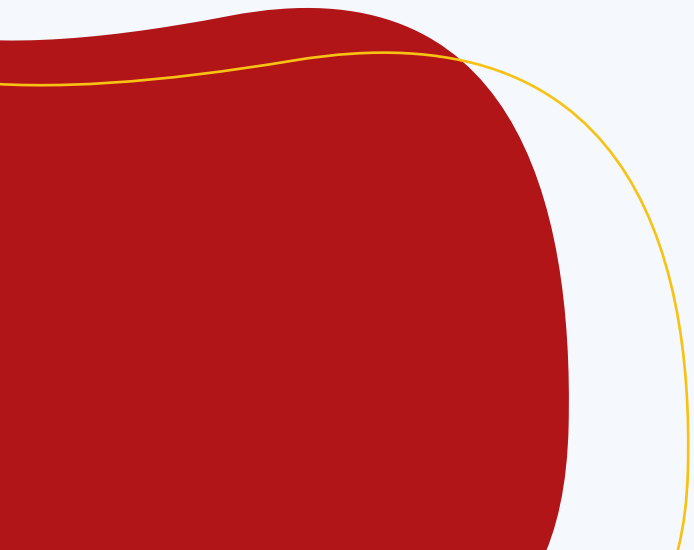




Mas, de repente, isso. Uma oferta de noite. Uma outra perspectiva. Uma lua me dizendo, ao mesmo tempo, que as coisas em que quase não se repara por terem sempre estado ali (a noite, o mar, as marés), essas nos sobreviverão. A todos nós. Entender o quanto isso é simples e o quanto isso é grande é organizador. Eu intuo, mas não entendo. Ou entendo: mas só de vez em quando. Mas só se me chegam algumas coisas: um verso do Manuel de Barros ou os dedos da Mônica Salmaso fazendo soarem levemente palitos de fósforo em uma caixa. A lua na noite escura, atrás das nuvens, na noite fria, enquanto olho o céu ao lado da minha mãe.

Para isso, se vive. Para isso, se vive, mesmo que o tempo seja um não.

Cristiane Costi e Silva  
29/07/20



**A Autora: Cristiane Costi e Silva.** Professora. Apaixonada pelas palavras. Achando, como bem disse Adélia Prado, que “a coisa mais fina do mundo é sentimento”.

# A PRESENÇA DA VOZ EM NIKETCHE, DE PAULINA CHIZIANE

Poligamia é uma rede de pesca lançada ao mar. Para pescar mulheres de todos os tipos. Já fui pescada. As minhas rivais, minhas irmãs, todas, já fomos pescadas. Afiar os dentes, roer a rede e fugir, ou retirar a rede e pescar o pescador? Qual a melhor solução? Paulina Chiziane

O termo “oral” vem do latim “os, oris” (BUSARELLO, 2004, p. 190), e significa boca, linguagem, enunciado pela voz, que se transmite de indivíduo a indivíduo pela palavra falada, verbal, vocal. Daí o termo oralidade, qualidade do que é oral<sup>1</sup>, cuja expressão, segundo o antropólogo Eric Havelock (1995, p. 17), caracteriza as sociedades que “têm se valido da comunicação oral, dispensando o uso da escrita”. O autor também afirma que a oralidade é “usada para identificar um certo tipo de consciência, que se supõe ser criada pela oralidade ou que pode se expressar por meio dela” (HAVELOCK, 1995, p. 17). **Então, de acordo com tais considerações, é interessante observar como se processa esse “tipo de consciência” através da oralidade na Literatura Africana de Língua Portuguesa.**

Pode-se dizer que o termo “dispensar o uso da escrita”, em se tratando precisamente de Moçambique<sup>2</sup>, não é o mais específico. Esse país, na atualidade, apresenta um percentual de 80% de sua população não-letrada e não é simplesmente por opção e, sim, por uma imposição político-social de um território devastado por duas guerras consecutivas: Guerra Anti-colonial (1965-1975) e Guerra Civil (1976-1992). **Entretanto, nesse momento, a discussão em pauta não é sobre política. Tampouco envolve questões como oralidade em oposição à cultura escrita. O escopo é travar um movimento dialético entre a escrita e a oralidade.** Para tanto, faz-se necessário elucubrar na obra da escritora moçambicana Paulina Chiziane elementos da oralidade como os provérbios, os ditos

[1] Larousse cultural –

Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1992.

[2] A taxa de alfabetização, de acordo com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento de 2007/2008. Resultado: posição 169 Moçambique 38,7. Disponível em: < wikipedia.org\_taxa de alfabetização > .Acesso em: 02 maio 2010.



populares, as expressões cotidianas e máximas constantes no imaginário africano. **Conforme esses aspectos, muitos dos provérbios também circulam na tradição oral brasileira.**

## ORIGENS

A oralidade, nos anos 60 do século XX, teve um número significativo de estudiosos que a colocaram em evidência: *A galáxia de Gutenberg* (The Gutenberg Galaxy), de Mchluhan (1962), *O pensamento selvagem* (La pensée sauvage), de Lévi-Strauss (1962), *As consequências da cultura escrita* (The consequence of Literacy) de Jack Goody e Ian Watt (1963) e também *Prefácio para Platão* (Preface to Plato) de Havelock (1963). Mesmo que tenha sido explorada essa temática em tal década, já em 1928, Milman Parry, com *O epíteto tradicional em Homero* (L'Epithète tradionelle dans Homère), tinha inaugurado esse gênero. Sendo assim, **estudos e discussões sobre a Literatura oral não são recentes e permanecem até a contemporaneidade.**

Em 1982, o padre jesuíta Walter Ong, em sua obra *Oralidade e cultura escrita* (Orality and Literacy), destaca o seguinte: denomina-se “culturas de oralidade primária as que se definem por desconhecerem a escrita ou impressão gráfica, e culturas de oralidade secundária aquelas em que a expressão e a criação dependem da escrita e da impressão” (ONG, 1998, p. 41). **O autor aborda também que a comunicação oral ampara-se na alta tecnologia – rádio, telefone, televisão.** Nesse contexto, é mais relevante tratarmos do capítulo três: “*Sobre a psicodinâmica da oralidade*”, no qual constam especificidades do pensamento estruturado em sociedades de cultura oral primária. Segundo Ong (1995, p. 42), sem a escrita “as palavras em si não possuem uma presença visual, mesmo que os objetos que elas representam sejam visuais. Elas são sons.” **O teórico afirma ainda que os povos orais consideram as palavras dotadas de grande poder:** “O som sempre exerce um poder” (ONG, 1998, p. 41). Ele inclusive aponta inúmeras características do pensamento e da expressão fundados na oralidade. Dentro dessa perspectiva, será dada maior ênfase à estilização formular:

Numa cultura oral primária, para resolver efetivamente o problema da retenção e da recuperação do pensamento cuidadosamente articulado, é preciso exercê-lo segundo padrões mnemônicos, moldados para uma pronta repetição oral. O pensamento deve surgir em padrões fortemente rítmicos equilibrados, em repetições ou antíteses, em aliteraões e assonâncias, em expressões epítéticas ou outras expressões formulares, em conjuntos temáticos padronizados, em provérbios que são constantemente ouvidos por todos, de forma a vir prontamente ao espírito, e que são eles próprios modelados para a retenção e a rápida recordação – ou em outra forma mnemônica. (ONG, 1998, p. 45)

O autor parte do princípio de que, nessas culturas, a palavra é um produto sonoro que determina “os modos de expressão e os processos mentais”. O questionamento basilar se evidencia, assim, da seguinte maneira: **como os autores empregam elementos característicos da oralidade na literatura escrita?**

Sob o viés do antropólogo Amadou Hampaté Bâ, quando falamos de tradição africana, reportamo-nos para a tradição oral:

Nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apóie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. (HAMPATÉ BÂ, 1980, p. 181)

Um dos representantes da tradição oral transmitida de “boca a ouvido” é o **provérbio** que pertence ao “repertório artístico da textualidade oral” (MOREIRA, 2003, p. 170) e que endossa a voz oracular, assumindo, no texto, uma conotação poética.

## A ORALIDADE NA OBRA DE PAULINA CHIZIANE



Paulina Chiziane\_ foto presente in *Conexão Lusófona*  
(autoria não conhecida)

**Paulina Chiziane** nasceu em Monjacaze (1955), província de Gaza, sul de Moçambique. **Ela é considerada uma das primeiras mulheres a escrever um romance em seu país. No entanto, Chiziane afirma não escrever romances e, sim, “estórias”.** Nas palavras da autora: “sou contadora de estórias e não romancista. Escrevo livros com muitas estórias, estórias grandes e pequenas. Inspiro-me nos contos à volta da fogueira, minha primeira escola de arte” (CHIZIANE, 2002, contracapa). **Sua “contação” de histórias está no sangue, herança de sua avó, que pertencia ao grupo étnico macagandane.** Atualmente, a escritora mora e trabalha na Zambézia, norte do país.

A escritora escreveu *Balada de amor ao vento* (1990), *Ventos do Apocalipse* (1995) e *O sétimo juramento* (1999), *As Andorinhas* (2013), *Eu, mulher... por uma nova visão do mundo* (2013), entre outros. No entanto, é analisado neste trabalho o romance *Niketché*: uma história de poligamia (2002), cujo nome deriva de uma **dança sexual feminina, aprendida pelas meninas durante os rituais de iniciação, para que afirmem ao mundo que são mulheres. A dança macua é originária da Zambézia, região norte de Moçambique.** Nessa perspectiva, a autora, no corpo da narrativa, explicita sobre esse ritual:

**“Niketché.** É a dança do sol e da lua, dança do vento e da chuva, dança da criação. Uma dança que mexe, que aquece. Que imobiliza o corpo e faz a alma voar. [...] Movem o corpo com arte saudando o despertar de todas as primaveras. Ao toque do tambor, cada um sorri, celebrando o mistério da vida ao sabor do **niketché**”. (CHIZIANE, 2004, p. 160)

## NIKETCHE

Nesse livro, a autora conta a história do comandante **António Tomás, o Tony**, e da sua mulher **Rosa Maria, a Rami**. A ficção ocorre no presente, sendo narrada em primeira pessoa por ela, a narradora-protagonista. É por intermédio de sua voz que ouvimos a história dela e também das amantes de seu marido e de tantas outras mulheres que contam suas trajetórias de vida. **Seus percalços enquanto indivíduos do sexo feminino ocorrem frente a uma sociedade dividida de modo binário:** Feminino/Masculino, Matriarcal/Patriarcal, Monogamia/Poligamia, Luisa Tradição/Contemporaneidade, Norte/Sul.

**O romance é permeado pela cultura africana, com suas lendas, mitos e riquezas da tradição oral.** Ao longo da leitura surge um mosaico de culturas: *maconde, macua, ronga, tsonga, machangana*. O legado dessas culturas é apresentado por intermédio de *Rami (etnia ronga)*, e pelas outras mulheres de Tony: *Julieta (sul de Moçambique)*, *Luísa (etnia xingondo)*, *Saly (etnia maconde)* e *Mauá (etnia macua)*. Elas formam junto com Tony (*etnia machangana*) “um hexágono amoroso” (CHIZIANE, 2004, p. 58).

**A tradição oral africana permeia a narrativa. Uma representante dessa cultura é, especificamente, a lenda da princesa Vuyazi, a princesa insubmissa estampada na lua:**

*“Era uma vez uma princesa. Nasceu da nobreza mas tinha o coração de pobreza. Às mulheres sempre se impôs a obrigação de obedecer aos homens. É a natureza. Esta princesa desobedecia ao pai e ao marido e só fazia o que queria. Quando o marido repreendia ela respondia. Quando lhe espancava, retribuía. Quando cozinhava galinha, comia moelas e comia coxas, servia ao marido o que lhe apetecia. Quando a primeira filha fez um ano, o marido disse: vamos desmamar a menina e fazer outro filho. Ela disse que não. Queria que a filha mamasse dois anos como os rapazes, para crescer forte como ela. Recusava-se a servi-lo de*

*joelhos e aparar-lhe os pentelhos. O marido, cansado da insubmissão, apelou à justiça do rei, pai dela. O rei, magoado, ordenou ao dragão para lhe dar um castigo. Num dia de trovão, o dragão levou-a para o céu e a estampou na lua, para dar um exemplo de castigo ao mundo inteiro. Quando a lua cresce e incha, há uma mulher que se vê no meio da lua, de trouxa à cabeça e bebé nas costas. É Vuyazi, a princesa insubmissa estampada na lua. É a Vuyazi, estátua de sal, petrificada no alto dos céus, num inferno de gelo. É por isso que as mulheres do mundo inteiro, uma vez por mês, apodrecem o corpo em chagas e ficam impuras, choram lágrimas de sangue, castigadas pela insubmissão de Vuyazi". (CHIZIANE, 2004, p. 157)*

O excerto acima emprega a fórmula clássica para iniciar uma narrativa ficcional: "Era uma vez uma princesa". A lenda é transcrita em frases curtas, com rimas: nobreza/pobreza/natureza. O tempo verbal utilizado no pretérito imperfeito dá ritmo à narrativa: desobedecia/queria/repreendia/respondia/retribuía. **Verificam-se também, por entre as linhas dessa narrativa, os modos de funcionamento do sistema patriarcal: a obediência aos homens – pai e marido, os comportamentos diferenciados relacionados à educação do homem e da mulher, o castigo para a desobediência às tradições, entre outros.** Rami, a protagonista, ao longo do romance, irá retomá-los em vários momentos.

Interessante observar que o termo macua "niketche", o ritual iniciático e a lenda da princesa Vuyazi podem representar a dicotomia cultural pertinente ao norte e ao sul de Moçambique. A dança representa o sul com um posicionamento mais liberal e a lenda representa o norte do país, que segue um modelo paradigmático judaico-cristão, fortemente influenciado pelo patriarcalismo colonial europeu. **Essa dicotomia entre Norte-Sul é bem representada nestes trechos:**

- Mulheres bonitas só no norte, seus machanganas<sup>3</sup>! As nortenhas são leves e livres. As nortenhas são belas. As vossas mulheres são pesadas, são grossas, têm o rabo grande de comer tanto amendoim!

A poligamia é um sistema com regras próprias, e, nessa matéria, o sul é diferente do norte [...] - Vocês do norte, são escravos delas. Trabalham a vida inteira só para elas. Até os filhos têm apelido da mãe. Que tipo de homens vocês são?

- E vocês do sul são brutos, tratam as mulheres como bichos. Alguém, neste mundo, sabe que é o verdadeiro pai dos filhos da mulher? O senhor que tanto nos insulta, tem a certeza de que os filhos que diz serem seus o são, de certeza? Na nossa terra os filhos têm o apelido da mãe, sim. Pai é dúvida, mãe é certeza. Um galo não choca ovos, nunca. É bom dar a César o que é de César. (CHIZIANE, 2004, p. 207)

Nortenhos ou sulistas, cada um quer ser mais alto e chegar primeiro ao umbigo do céu. Cada um quer ser garça, falcão, albatroz, para alcançar mais depressa o alto do monte onde ainda pende um cacho de banana e uma galinha assada no braseiro do mundo. (CHIZIANE, 2004, p. 210)

Assim como as lendas e os rituais de iniciação que compõem a tradição oral, formalmente, os provérbios marcam essa presença na linguagem do texto.

## PROVÉRBIO – O PODER DA PALAVRA

Continuação na segunda edição de Histori-se.

[3] Machanganas: uma das etnias tsonga.

[4] O presente texto foi publicado (integralmente) na Nau Literária: literaturas africanas de língua portuguesa (UFRGS). v.7, n. 01, 2011. p. 2-16. E, também, postado em 21/03/2016 em: Jornal notícias de Maputo por Luzia Moniz. Está, também, presente em Semantic Scholar < [semanticscholar.org/paper\\_A-voz-em-Niketche-de-Paulina-Chiziane-Santos](https://www.semanticscholar.org/paper_A-voz-em-Niketche-de-Paulina-Chiziane-Santos) >. Acesso: março 2021.

## A AUTORA

### **Cristina Mielxzarski dos Santos**

Doutora pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na área de Literaturas Portuguesa e Luso-Africana. Mestre em Letras pela UFRGS, na área de Literaturas Portuguesa e Luso-Africana. Possui graduação em Licenciatura em Letras Português-Inglês pela UFRGS (2009). Tem experiência em pesquisa em Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas, com ênfase nos seguintes temas: Mia Couto, Paulina Chiziane e outras escritoras africanas e portuguesas, narrativa oral, pós-colonialismo, decolonialidade e gênero. Atualmente é voluntária do Projeto Letras e Vozes Anticoloniais orientado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Lúcia Liberato Tettamanzy (UFRGS). Membro do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL. Coordenadora do Grupo de leitura “Aya”: vozes femininas em foco. Professora Substituta (UFRGS) na área de Literatura Portuguesa e Luso-Africana (2019-2020), nas disciplinas Literatura Portuguesa I, Literatura Portuguesa III, Estudos de José Saramago, Literatura Africana de Língua Portuguesa, Estudos Portugueses, Literatura Feminina de Língua Portuguesa.

### **REFERÊNCIAS:**

CHIZIANE, Paulina. Niketche: uma história de poligamia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. Niketche: uma história de poligamia. Lisboa: Editora Caminho, 2002. Contracapa.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. História Geral da África: Metodologia e pré-história da África. São Paulo: UNESCO, 1980.

HAVELOCK, Eric. A equação oralidade – cultura escrita: uma formula para a mente moderna. OLSON, David R.; TORRANCE, Nancy (Orgs.). Cultura escrita e oralidade. São Paulo: Ática, 1995.

HOUAISS, Antônio e Villar, Mauro de Salles. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

Larousse cultural – Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 1992.

MOREIRA, Terezinha Taborda. O vão da voz: a metamorfose do narrador na ficção moçambicana. Belo Horizonte: Edições Horta Grande Ltda., 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. Novas tendências em análise do discurso. Campinas: Pontes, 1989.

ONG, Walter. Oralidade e cultura escrita. Campinas: Papirus, 1998.

# OLHE O QUE ELAS FAZEM



# MODA SUSTENTÁVEL

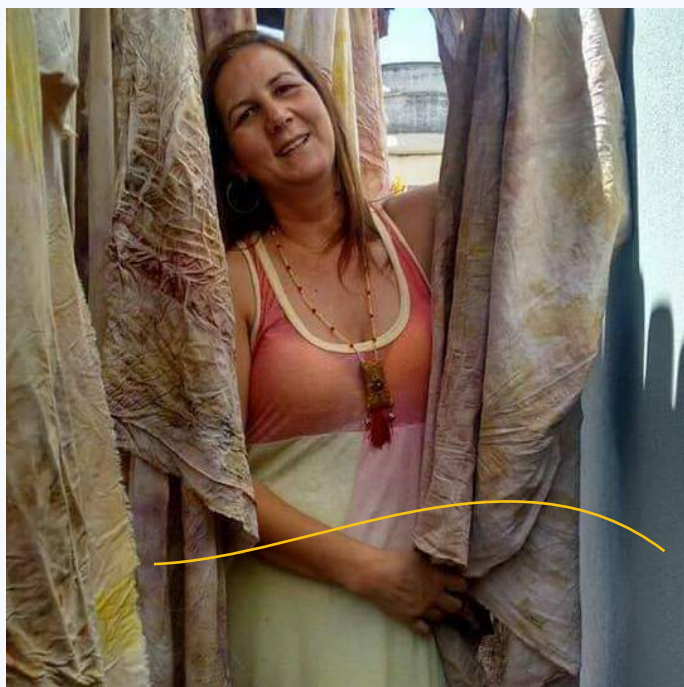


Pense em uma roupa gostosa, bonita, cuja produção é casada com o valor da preservação do meio ambiente... **Roupas criadas observando a harmonia dos ritmos da natureza e do viver em um pedacinho do cerrado mineiro...** É sobre este fazer e o caminhar para assim fazer que a designer em moda *Iara Pereira Alves* nos diz nas linhas a seguir.

# ARABESCKO

“Para desenvolver uma coleção, buscamos inspiração nos ritmos da natureza. **Entende-se o movimento cíclico com o qual esta se renova: nascimento, amadurecimento, renovação**”

Iara Pereira Alves



Moro além do mais Belo Horizonte, entre montanhas e rios, na cidade do Divino Espírito Santo. Nasci em Divinópolis, Minas Gerais. Tive uma infância feliz com brincadeiras na rua, jardins nas casas, pessoas nas portas, bordados, crochês nas mãos, lindezas que nunca foram esquecidas. Carrego todas bem dentro do meu coração!

Formei-me em Moda, mas andei por outros caminhos antes de me dedicar totalmente à produção de roupas. **Acredito que cada caminho foi um aprender a mais que me fez crescer como designer em moda.**

Foi no trabalho de conclusão de curso *“SUSTENTABILIDADE E O DESIGN; UM ESTUDO DE CASO DO CERRADO BRASILEIRO”*, que percebi que podia fazer moda a partir dos princípios do design e do uso de técnicas artesanais que podem ser aplicadas ao segmento industrial de moda.



tingimentos naturais.

Os processos e técnicas de extração por meio natural, configurados a uma linha de produtos feitos à mão, pode minimizar o uso de métodos, técnicas e processos poluentes de produzir moda. O intuito é a preservação do meio ambiente, estimulando a adoção e implantação mais responsáveis e conscientes no segmento de moda.

## OS PRIMEIROS PASSOS PARA A MUDANÇA

Os primeiros passos para a mudança foram eliminar o uso de plásticos, fazer escolhas melhores ao comprar matéria prima, valorizar mão de obra local, tecidos orgânicos e principalmente

Para desenvolver uma coleção, buscamos inspiração nos ritmos da natureza. Entende-se o movimento cíclico com o qual esta se renova: nascimento, amadurecimento, renovação.

Da junção entre particularidades do Cerrado e acultura que se constitui a partir da vivência nesse meio, perceptível nas expressões artesanais, costumes e organização de pequenas comunidades típicas dessas regiões, procurou-se extrair elementos – gestos, cores, formas, volumes, sons e cheiros – que pudessem ser traduzidos em produtos de moda.



**NOSSA MARCA “ARABESCKO” É O ENCONTRO DE CAMINHOS, HISTÓRIAS, POSSIBILIDADES E AFETIVIDADES. ACREDITAMOS NO VESTIR SONHOS, BELEZA, LEMBRANÇAS, POESIA, MÚSICA E NO CUIDAR DO MUNDO.**



Iara Pereira Alves  
Designer de moda.

<https://www.facebook.com/arabescko>  
+55 37 98815-9796

arabescko@gmail.com

As fotografias que compõem este post  
pertencem ao Studio Tetê Rodrigues

# CONVERSAS NA COZINHA



# COZINHANDO A CULTURA

A **cozinha**, desde os primórdios das sociedades humanas, é o centro do lar ou da aldeia.

Nela temos a fogueira que não apaga, o fogão à lenha, os odores das dispensas, a horta e os temperos frescos, as folhas, os frutos.

Cozinheiras e alquimistas revezam-se nos preparos dos *xaropes aos pudins*. E a sociedade cria motivos pra confraternizar em volta da refeição, seja ela servida com requintes da velha e nobre Europa ou com palitos orientais. Dos banquetes que honram generais às festas da colheita ou nos ritos tribais.

Creio, não há como falar em cultura humana sem elencar no topo dos tópicos a alimentação. E falando em alimentação, nosso instinto primitivo, lembra a ação social das mulheres – quem não traz a lembrança do leite materno?

Mesmo nas mais repressivas e patriarcais culturas, a cozinha é território majoritariamente ocupado por mulheres, as que servem. Nas conversas de cozinha especula-se, da política às alcovas, permeando toda a possibilidade de conversas num exercício comum de perpetuação cultural.

As mudanças também passam pelas panelas (*seja o povo indignado nas janelas espancando caçarolas ou as que acompanham os tempos sociais*). Muda o hábito alimentar, na medida em que se mesclam as culturas. E muda também as formas e os tempos do comer.



Foto de Silviarita disponível em Pixabay

Nada mostra melhor o cotidiano de uma comunidade do que os cardápios: quem come? O que come? Quando come? Quem cozinha? O que cozinha? Quem planta? Onde planta? São perguntas que nos conduzem a um belo *'raio-X social'*.

Ninguém melhor que a encarregada das refeições para saber de economia e – também – dos tempos e temperos de cada um. Toda cozinheira é em essência curandeira, *cheff* e alquimista.

Ao dedicar um recanto para a cozinha, Histori-se abre um portal para um lugar onde sempre cabe mais um: segredinho de família, toque de Cheff, sabor especial, prato na mesa ou papo de cozinha entre as amigas.

#### A AUTORA

Núbia Quintana

Historiadora, atriz, educadora, palhaça, bonequeira.

# A COZINHA COMO UM ESPAÇO DE CURAS

Quando pensamos em um corpo saudável, pensamos num corpo bem nutrido, no entanto, existem alimentos que, embora comuns em nossa sociedade, podem trazer mais malefícios que benefícios aos corpos humanos.

## SERIAM ESSES ALIMENTOS VILÕES?

Bom, existem algumas doenças e síndromes metabólicas que exigem muito cuidado com a alimentação: as mais variadas alergias – das mais comuns, como laticínios, às mais raras como trigo ou ovos.

Existem também uma série de autoimunidades que tem nos alimentos gatilhos infecciosos, como a diabetes e a doença Celíaca, além de uma série de outros males pouco conhecidos que tem melhoras com uma dieta regrada. E esse é um caso clássico onde podemos dizer que disciplina é liberdade.



## EXPERÊNCIA PESSOAL

Um corpo auto-imune necessita de constantes cuidados especiais para se manter saudável; não é fácil viver com um botão de autodestruição pronto pra ser ativado (os corpos auto-imunes possuem gatilhos que desencadeiam crises onde células de defesa ou hormônios desequilibram-se e atacam células saudáveis, criando uma guerra interna e comprometendo muito a qualidade de vida).

**Este espaço de debate sobre auto-imunidades e nutrição surge de nossas particularidades pessoais.**

Eu, **Núbia**, sou portadora de uma dessas síndromes ainda pouco conhecidas e de gatilho alimentar. A idéia de escrever sobre esse tema veio de uma conversa informal entre nós, históricas, onde descubro que, na família da Patrícia, há uma pessoa com auto-imunidade. Encontramos, assim, uma forma de somar nossas experiências pessoais e nossas buscas por cura ou qualidade de vida com a nossa gana de narrar histórias.

**Traremos sempre profissionais da saúde e da alimentação pra nos dar informações e esclarecimentos, além de dicas de alimentação para enriquecer essas dietas restritivas sem causar danos à saúde.**

Importante salientar que *dietas inclusivas* para portadores de restrições podem ser seguidas por toda a família. Há uma cultura alimentar para ser descoberta e construída quando pensamos em prevenir adoecimentos e mantendo mente e corpo sãos.

**E claro que, como ninguém é de ferro e dieta não pode ser castigo, também traremos deliciosas guloseimas e receitas de família .**

### A AUTORA

**Núbia Quintana**

Historiadora, atriz, educadora, palhaça, bonequeira.

# CLUBE DE LEITURA



# CLUBE DE LEITURA

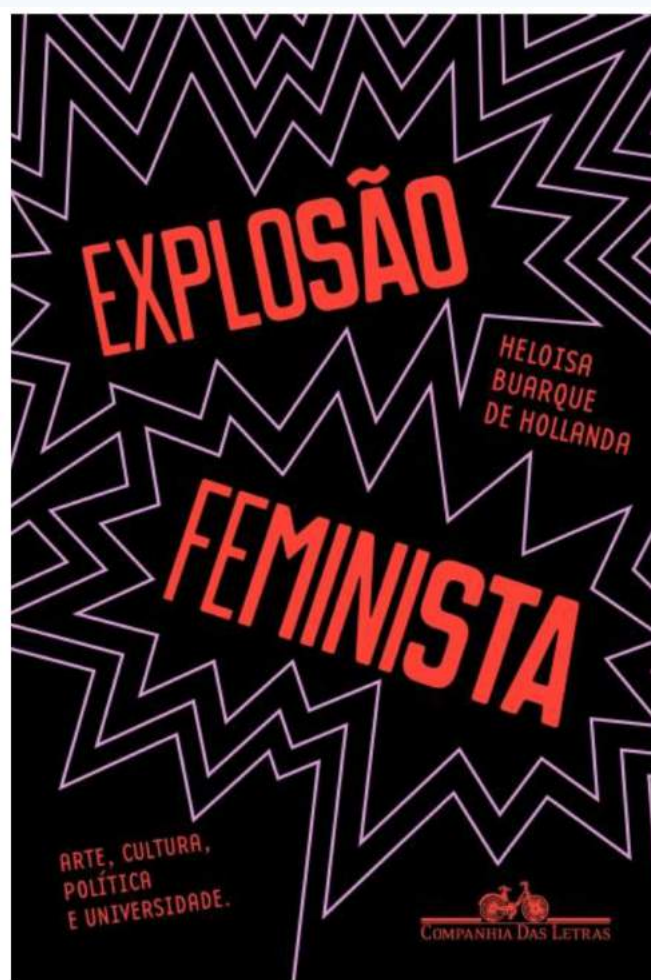
*Histori-se tem um Clube de Leitura. Neste espaço, as históricas compartilham dicas de leituras, resenhas, promoções e eventos para quem gosta de ler. A gente conta o que está lendo, diz o que gostaria de ler, lembra livros surpreendentes e muito mais. Participe do nosso Clube! Um segredinho... estamos planejando um sarau. Por enquanto, um sarau virtual. Aguarde. Nossa segunda edição trará novidades.*



# PORQUE LER EXPLOSÃO FEMINISTA: ARTE, CULTURA, POLÍTICA E UNIVERSIDADE, ORGANIZADO POR HELOISA BUARQUE DE HOLANDA ?

*Nesta edição, Cristina Mielczarski dos Santos compartilha uma dica de leitura.*

A palavra **feminista** ocupou todas as formas artísticas e culturais nos últimos anos. Foram os movimentos nas ruas, nas artes, na poesia, no cinema, no teatro, na música, nas universidades, na internet (*Facebook, Instagram e Twitter*), as inúmeras editoras que publicam mulheres, os saraus e slams, os coletivos de mulheres. **Todos esses movimentos são tentativas de união, para, juntas, pensarem a condição da mulher na atualidade, as adversidades enfrentadas por nós mulheres no cotidiano como a violência doméstica e o feminicídio, o assédio, a sexualidade, o trabalho, o machismo, os padrões compulsórios de beleza e comportamento, o trabalho reprodutivo e não remunerado, temas discutidos por todos os movimentos feministas: o feminismo negro, o indígena, o asiático, o transfeminismo, o lésbico, o radical, o protestante.**

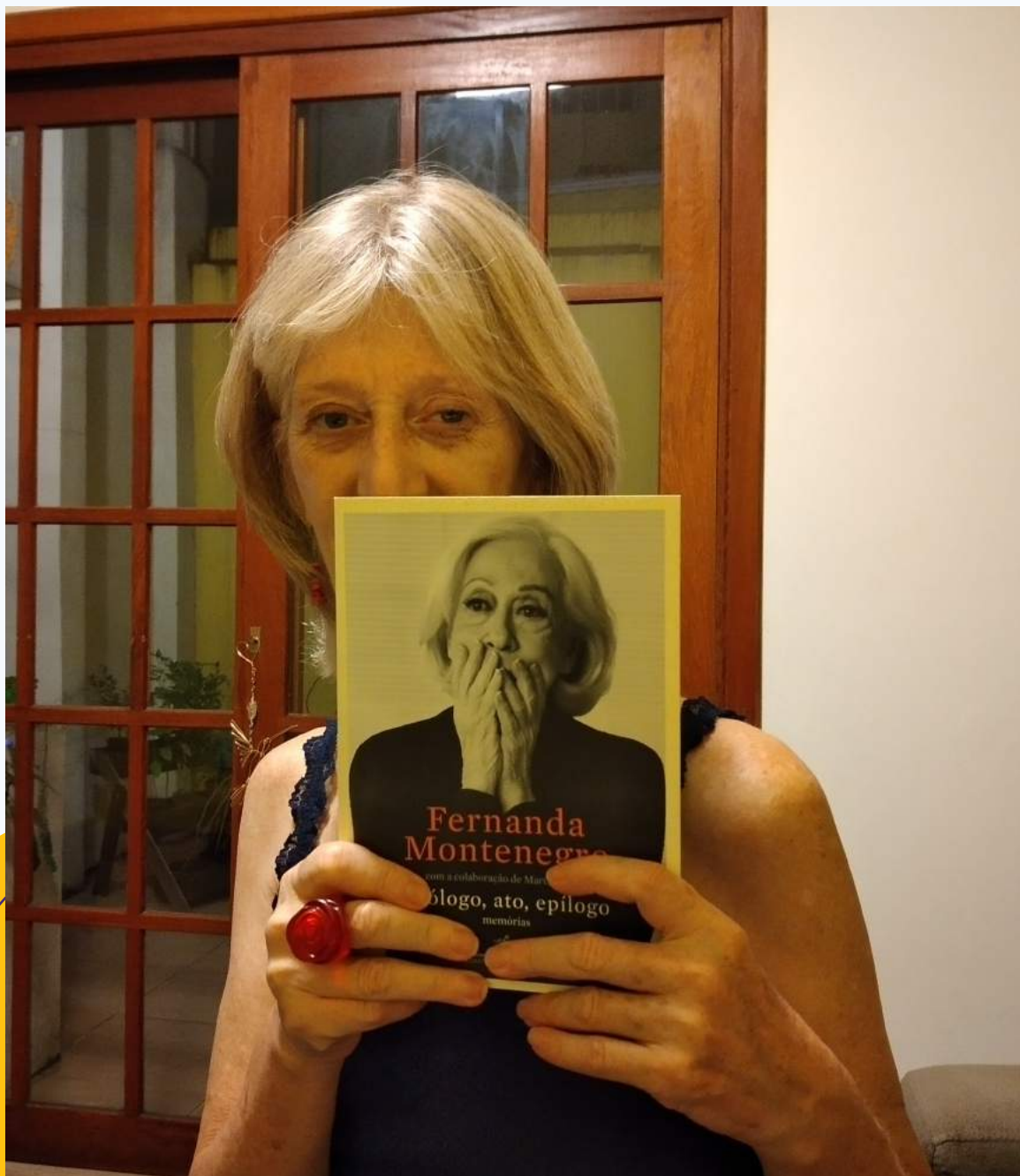


Podemos, por intermédio da leitura do livro *Explosão Feminista: Arte, Cultura, Política e Universidade* (Companhia das Letras, 2018), organizado por Heloisa Buarque de Holanda, perceber o quanto ainda precisamos ler, ouvir e discutir as questões que se referem ao universo feminino. O feminismo, ou melhor, os feminismos, no plural, evidenciam pontos convergentes e incongruentes, mas o que é notório é a importância de quebrar o caráter de silenciamento imposto a voz feminina. A relevância do livro *Explosão Feminista* é a contemplação desse emaranhado de vozes que unidas lutam por um mundo onde homens e mulheres, além de suas diferentes, encontrem um modo melhor de viver e construir o futuro.



## ERA SÁBADO, DIA 13 DE MARÇO. HISTORI-SE PERGUNTOU PARA VERA HAAS: O QUE ESTÁ LENDO AGORA? A RESPOSTA VEIO EM FORMA DE FOTO.

*Ela super indica “Prólogo, ato, epílogo”, de Fernanda Montenegro.*





Clube de Leitura, Conteúdos, Leitura, Primeira Edição

## CLUBE DE LEITURA

LEIA MAIS

## NOSSA SEGUNDA EDIÇÃO JÁ ESTÁ NO FORNO.

*Você já pode conferir  
alguns aperitivos no site.  
Toda semana temos uma novidade!*

# histori·se

Revista Histori-se  
ANO I – Edição I, março de 2021  
Publicação de Histori-se.  
Conteúdo disponível no site:  
[www.historise.com.br](http://www.historise.com.br)

Créditos imagens:

A capa da Revista Histori-se é a capa do Manual da Marca Histori-se.

Designer Oscar Goulart.

Diagramação e arte da Revista Histori-se na versão em PDF: Natália O. Müller

O layout das redes sociais de Histori-se foi realizado pela Social Media

Natália O. Müller a partir dos referenciais da marca Histori-se.

Nos siga nas redes:

